



Nacional

Na Índia, A CABRA foi perceber como Cavaco Silva procurou fortalecer as relações económicas entre Portugal e o país das especiarias. **Pág. 8**

Cidade

A Lei das Finanças Locais vai trazer alterações aos municípios. Em Coimbra, prevê-se uma redução da receita na ordem dos cinco milhões de euros. As forças políticas na Câmara Municipal de Coimbra mostram a sua visão da nova lei. **Pág. 7**

Internacional

Duas semanas depois da adesão da Eslovénia à Zona Euro, ACABRA esteve em Ljubljana para perceber como os eslovenos estão a lidar com a moeda. **Pág. 9**

Págs 10 e 11

Tema: Estágios no estrangeiro

São cada vez mais os estudantes ou recém licenciados que optam por estagiar no estrangeiro. A CABRA foi perceber o que os leva a tomar essa opção, quais as vantagens, e as histórias por detrás dessa aventura.

Cultura

Em entrevista à CABRA, Delfim Sardo, conceituado teórico da arte nacional, com vários cargos de prestígio no currículo, reflecte sobre o estado da arte em Portugal e a condição do artista. **Pág. 14**

SUMÁRIO

Destaque	2	Ciência	12
Opinião	4	Desporto	13
Ensino Superior	5	Cultura	14
Cidade	7	Artes Feitas	16
Nacional	8	Media	18
Internacional	9	Viagens	19
Tema	10		

FERNANDO GONÇALVES DESPEDE-SE COM MELHORIA NAS CONTAS

O presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) nos últimos dois anos, Fernando Gonçalves, termina na próxima semana o seu legado na Rua Padre António Vieira.

O lucro elevado na Queima das Fitas e na Festa das Latas, o pagamento da despesa do Campo de Santa Cruz e o protocolo de exploração conjunta da marca AAC com o Organismo Autónomo de Futebol são as últimas iniciativas

anunciadas. Na quinta-feira, em Assembleia Magna, vai ser apresentado o relatório e contas do último ano.

Numa altura em que se despede, Fernando Gonçalves faz um balanço dos dois anos de mandato e projecta o futuro da AAC.

Noutro âmbito, algumas figuras ligadas à Academia e associações de estudantes dão a opinião sobre os mandatos do estudante de Direito. **Pág.2**

BRUNO GONÇALVES



Sorria com a **acabra.net**

porque a informação não pode parar...



PUBLICIDADE

Lucro na hora da despedida

A administração da actual Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra encerra o mandato com saldo positivo, conseguindo o melhor resultado de sempre na organização da Festa das Latas e Imposição de Insígnias.

Campo de Santa Cruz e exploração conjunta da marca estão também em andamento

Por Marta Costa e Catarina Rodrigues

ARQUIVO - RUI VELINDRO



Queima das Fitas 2006 foi a de maior lucro de sempre

O presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Fernando Gonçalves, mostra-se satisfeito com o desempenho da sua equipa do actual mandato, que conseguiu atingir o objectivo de "organizar a associação e apoiá-la com verbas que foram reunidas para lhe oferecer melhores condições".

Fernando Gonçalves destaca a organização da Festa das Latas e Imposição de Insígnias de 2006 como "a melhor da história da Academia de Coimbra", conseguindo bater o recorde pela segunda vez. O sucesso das contas permitiu que, do ponto de vista das receitas extraordinárias, a DG/AAC conseguisse ter "um grande financiamento".

Segundo o ainda presidente da Academia, "a administração conseguiu passar de um défice ordinário de quatro mil euros para um lucro ordinário de 10 mil euros, no que diz respeito a receitas fixas". Fernando Gonçalves salienta ainda a importância dos pagamentos a fornecedores serem feitos ao fim de 30 dias, enquanto que habitualmente demoravam seis meses.

No que diz respeito a contas, foram saldadas dívidas no valor de 250 mil euros a dois arquitectos: Camilo Cortesão, responsável pelo projecto do edifício da

AAC no Pólo II, e Gonçalo Byrne, responsável pela remodelação do edifício sede na Padre António Vieira.

Também na contabilidade foram feitas alterações, passando-se de um sistema geral para um de contabilidade analítica, que permite que todos os meses se tenha uma noção orçamental da DG/AAC e das secções da casa. O ainda presidente revela que, assim, "é possível ter um maior controlo a longo e curto prazo das medidas a serem tomadas".

O edifício da AAC foi, segundo Fernando Gonçalves, remodelado "sem que a DG gastasse muitas verbas". As salas de estudo, de leitura e de informática "foram optimizadas e todas elas têm mais lugares do que anteriormente", refere o presidente. "Houve uma informatização de todo o sistema", acrescenta. O novo bar da AAC é outro dos projectos realçados pelo dirigente associativo, tal como o plano completo para os jardins da AAC, a ser apresentado até ao final do mandato.

Campo Santa Cruz é uma "questão de tempo"

Entidades estatais e a Reitoria da Universidade de Coimbra disponibilizaram verbas para a primeira fase de requalifi-

cação, já concluída, do Campo Santa Cruz. A última fase vai ser financiada pelo Governo. Até estar concluída, Fernando Gonçalves garante que toda a despesa extraordinária "vai ser a actual Direcção-Geral a pagar e a oferecer às secções da casa".

O dirigente associativo revela que DG/AAC decidiu "amortizar a dívida contraída pelas secções aquando dos empréstimos do plano Mateus". Fernando Gonçalves acrescenta ter sido decidido que grande parte das verbas vão ser devolvidas, nomeadamente do IVA. "O mérito das secções deve ser devolvido às mesmas e a DG tem agora as condições necessárias para o poder fazer", declara.

Antes mesmo de terminar o mandato, o ainda presidente da DG/AAC anuncia que "vai ser assinado um protocolo de exploração da marca AAC". O protocolo está acordado e dita uma exploração conjunta em que "os lucros não são só para o Organismo Autónomo de Futebol", mas também uma forma de apoiar a AAC, revertendo para a Direcção-Geral. Fernando Gonçalves refere que, assim se pretende "salvaguardar a marca de todas as ilegalidades e explorações abusivas a que nas últimas décadas tenha sido sujeita".

Figuras da Academia fazem balanço negativo

O balanço feito por elementos da Academia de Coimbra aos dois mandatos de Fernando Gonçalves é negativo. Para as pessoas contactadas, as falhas na luta estudantil são uma das principais críticas apontadas aos dois anos de presidência.

O presidente do Núcleo de Estudantes Populares da Universidade de Coimbra (NEPUC), Constantino Ramos, vê estes dois anos "com reticências". Apesar de, no primeiro mandato, ter sido dado a Fernando Gonçalves "o benefício da dúvida, enquanto novo projecto", já o segundo ano foi, para Constantino Ramos "negativo". Não houve "absolutamente nada em termos de actividades culturais e desportivas, quando devia ter sido um mandato de consolidação", realça. Quanto à relação entre a Reitoria e a Academia, Constantino Ramos defende que a AAC não deve pactuar sempre com o reitor, apesar da reitoria ser uma das fontes de rendimento da associação.

O presidente do NEPUC aponta como principais pontos negativos "a luta estudantil apoiada em Bolonha", personificando-a como "um cavalo de batalha mal escolhido".

Também o membro da Frente de Acção Estudantil (FAE), João Reis, classifica de negativa a acção de luta levada a cabo pela DG/AAC. Depois da luta contra as propinas, o "presidente não foi capaz de mobilizar estudantes contra o Processo de Bolonha".

A má gestão deve-se, para João Reis, "a um contexto de desmoralização da luta estudantil", não atingindo os objectivos traçados. Alguns dos outros problemas realçados foram a "falta de divulgação e até mesmo as posições cooperativistas desta DG/AAC, que fizeram com que a população estudantil não saísse à rua". Da mesma forma, "não se conseguiu um contacto próximo com os corpos gerentes da UC", declara. No geral, João Reis considera que "a AAC não soube ser solidária com as lutas de fim comum".

O antigo presidente da DG/AAC, António Silva, qualifica de "equilibrados" os dois mandatos de Fernando Gonçalves. O ex-dirigente associativo realçou a urgência de reatar relações com a Reitoria da UC. Apesar de ter havido "esforços neste sentido, tal ainda não foi conseguido", acrescenta.

O aspecto positivo prende-se com a Queima das Fitas 2006. O melhor resultado de sempre foi destacado por António Silva com agrado, uma vez que conseguiu ultrapassar o período de polémica em torno da Queima das Fitas 2005, tornando o evento "uma festa credível". Da mesma forma, Constantino Ramos destaca o lucro conseguido como "um grande êxito".

Fernando Gonçalves, presidente da DG/AAC

“Não tínhamos uma causa mobilizadora”

BRUNO GONÇALVES

A poucos dias de abandonar o cargo, Fernando Gonçalves admite que Bolonha não mobiliza os estudantes e vê a AAC como uma “amalgama de pequenas quintinhas”

João Campos
Marta Costa

Qual é o balanço que fazes destes dois anos à frente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC)?

Faço um balanço extremamente positivo. Cumprimos os nossos objectivos essenciais, de reorganizar administrativa e financeiramente a AAC e transmitir uma imagem positiva para a sociedade. Não era nosso objectivo aparecer todos os dias nos jornais e televisões com acções de contestação, mas queríamos defender o melhor possível os direitos dos estudantes. Conseguimos fazer valer as nossas posições junto da Universidade de Coimbra (UC), dos docentes, dos órgãos de gestão, dos vários ministérios e das várias secretarias de Estado da Juventude com quem trabalhamos.

Qual foi o momento mais difícil que tiveste?

Acho que foi quando cheguei, os primeiros dias. Ninguém da equipa tinha trabalhado numa DG e surgiram muitas dificuldades. Vimos que os nossos projectos não seriam tão fáceis de realizar como pensámos.

E o melhor momento?

Houve muitos bons momentos. Senti-me contente quando terminei o primeiro mandato e olhei para o Relatório e Contas; quando este ano, contra aquilo que defendo, entrei no desafio que foi a Queima das Fitas; quando assinámos o protocolo com o Organismo Autónomo de Futebol; quando tivemos magnas numerosas ou quando estivemos na rua a defender os interesses dos estudantes.

Como é que deixas a casa ao teu sucessor?

Com uma boa imagem e credibilidade junto dos docentes e funcionários da UC, junto das várias entidades com as quais trabalhamos, com as empresas com quem lidámos. Julgo que hoje em dia a comunicação social não está cansada da imagem dos estudantes, e é mais fácil agora uma acção de contestação ter mais mediaticidade do que se tivéssemos optado por uma estratégia de ba-



“Apostámos em questões mais estruturais e julgo que isso foi o mais importante”

nalização da luta. Estão criadas as condições para a DG financiar, de uma forma responsável, todas as secções e os organismos da casa, dinamizando a cultura e o desporto. Deixamos a casa com todas as condições para que, quem quer que venha, faça cada vez mais pela AAC.

Como foi a relação com os estudantes, dentro e fora da Academia?

Tivemos várias acções nas faculdades, Reuniões Gerais de Alunos e campanhas. Mas o trabalho de permanência nas faculdades não pode ser feito da forma romântica que era nos anos 70 ou 80, em que não havia núcleos de estudantes. Hoje, as exigências da AAC, pelo menos na fase que passámos, não nos permitiram estar permanentemente nas faculdades. Tentámos ao máximo chegar aos estudantes, mas não tínhamos uma causa mobilizadora.

Como está a relação da DG com as secções e organismos autónomos?

Esta casa é muito complicada, com muitas sensibilidades. Não existe uma pessoa com uma mesma ideia da AAC e das suas prioridades. Apesar de transparecer que a AAC é uma casa una e forte, esta é uma amalgama de pequenas quintinhas com muitos interesses específicos. Nunca para nós houve secções de primeira ou segunda e acho que ninguém nos pode acusar de ter tratado de forma diferente umas ou outras. Dentro dos problemas criados, tentámos ao máximo explicar a nossa perspectiva.

Um dos pontos que marcou estes

dois anos foi a relação com o reitor. A imagem que passa para fora é a do corte de relações, no entanto continua a receber-se financiamento da reitoria. Achas que o corte devia ser total?

Há que saber distinguir dois momentos históricos. Até assumirmos funções não havia nenhum relacionamento entre reitoria e AAC, mas foi sufragado em Magna a participação dos estudantes nos órgãos da UC. Enquanto presidente da DG tenho de reunir com todas as estruturas da UC, incluindo a reitoria, quando estão em causa os interesses dos estudantes. Nunca senti que, por não termos aparecido para a fotografia com o reitor, criando uma falsa aparência, que os estudantes tenham sido prejudicados. A AAC tem memória e não se esquecem muitos momentos passados, como a chamada da polícia à Alta no dia do estudante.

E como reages à recandidatura e reeleição de Seabra Santos?

Há pontos que temos de reconhecer. É uma pessoa que se dedicou, que trabalhou e desenvolveu alguns projectos importantes para a UC. Mas para mim um grande reitor, para além de ter uma grande capacidade técnica, tem de ser uma pessoa política, e que saiba gerir as várias sensibilidades desta universidade, para as incutir num rumo comum, que nos torne muito mais fortes a nível nacional e internacional. Penso que o reitor não teve a sensibilidade necessária para nos dar uma causa comum e não passou uma imagem nacional e uma dimensão internacional da UC.

Notaste alguma diferença do primeiro para o segundo mandato, já que a equipa não era a mesma?

No primeiro mandato apostámos em perceber a casa e sentir o pulsar dos estudantes, realizando um vasto número de actividades. No segundo mandato apostámos em questões mais estruturais e julgo que isso foi o mais importante. Conseguimos acabar com o litígio de décadas com OAF. Passámos de uma fase de equilíbrio para uma fase de expansão, ao nível das contas, de infra-estruturas, de projectos de futuro. Todos os resultados têm tido algum mediaticidade, sejam os da Latada, os da Queima, o resultado final que vamos apresentar no relatório de contas ou o facto de oferecermos às secções o campo de Santa Cruz.

A Queima 2006 foi um dos grandes desafios, já que envolveu a tua intervenção?

Acho que não é função de um presidente da DG/AAC participar em festas académicas. Face aos resultados de 2005, senti que era minha obrigação moral intervir. Em plenários com as secções culturais e desportivas fomos também pedido que este ano participássemos activamente, para revitalizar e dar uma boa imagem da festa junto da sociedade civil e das empresas com quem trabalhamos. Apesar de, na opinião de muitos, não ter sido a Queima das Fitas de melhor qualidade, foi a que apresentou melhor resultado na história da academia de Coimbra.

Consulte a entrevista na íntegra em www.acabra.net

Editorial

Tudo ou nada

Chega um novo ano e chegam mudanças ao panorama universitário de Coimbra. Na Associação Académica, sai Fernando Gonçalves, entra Paulo Fernandes. Na Reitoria, sai Seabra Santos, entra... Seabra Santos.

Na Padre António Vieira, e apesar de muita contestação, Fernando Gonçalves sai em estado de graça. Despedir-se com a melhor Queima das Fitas e a melhor Latada de sempre (do ponto de vista financeiro) é uma chave de ouro em dois anos que estão longe de ser consensuais. Se administrativa e financeiramente as coisas correram bem, na política educativa parece que a mensagem não chegou nas melhores condições aos estudantes. Compreende-se que seja difícil combater algo que não está aplicado na prática, que há acções de luta que estão gastas, mas fica a ideia que podia ter sido feito mais.

Paulo Fernandes é o senhor que se segue, e o seu primeiro desafio (lembrando o seu slogan de campanha) passa por gerir as relações com o recém (re)eleito reitor. Nos últimos dois anos, estas foram estranhas: havia um voltar de costas da Academia para Seabra Santos, mas não deixava de haver reuniões regulares, nunca deixou de haver financiamento da reitoria para a Associação Académica de Coimbra, nunca deixou de haver diálogo.

Por outras palavras, torna-se urgente repensar esta política de relacionamento entre as duas instituições: ou há um litígio total, sem qualquer tipo de ligação, ou há um diálogo sério e responsável, que vise um reatar total de relações, para o interesse comum. Os próximos tempos da Universidade de Coimbra (UC) não se adivinham fáceis, e muitas das lutas por que esta instituição se vai bater no futuro só poderão ter sucesso com a união de todos.

É certo que a história não se apaga, a memória também não, e todos têm bem presente o dia 20 de Outubro de 2004. A UC tem passado, mas também tem presente e futuro, daí que se coloquem várias questões: numa altura em que o Ensino Superior é tutelado por um ministro que vê 920 euros como um valor atractivo para os estudantes, será que ainda faz sentido os corpos da UC não estarem unidos? Será que as preocupações presentes e futuras não estarão acima de litígios passados? Não será contraditório receber-se financiamento de uma instituição ou de uma pessoa com quem se está de costas voltadas? Pensem nisso.

João Campos

Praxe, Presente e Futuro

*Renato Martins

É comum abrir as páginas d' A Cabra e de outros jornais e ler acerca da "crise na Praxe" e do estado decadente da mesma. Como estas afirmações estão bastante desfasadas da realidade com que convivo no dia-a-dia nesta academia, e os chavões usados contra a mesma são talvez mais velhos e gastos que a própria praxe, nunca lhes prestei muita atenção. No entanto o recente crescendo em número deste tipo de notícias e outras, que têm surgido, acerca do iminente "final apocalíptico" da praxe com a aplicação de Bolonha, levaram-me a escrever esta carta.

Agora veterano e prestes a concluir o curso, convém voltar um pouco atrás e relembrar o que passei como caloiro. Ao contrário das histórias de terror que me tinham sido contadas no ensino secundário, e amplamente divulgadas e amplificadas em órgãos de comunicação social, nunca fui molestado, explorado, abusado sexualmente ou coagido psicologicamente, descobri, isso sim, um grupo de amigos e colegas com quem alguns ainda hoje convivo e outros que relembro com enorme saudade. Pergunto se das recentes notícias, que no princípio do ano lectivo invariavelmente surgem, acerca de grandes abusos relacionados com praxe, alguma se passou na Universidade de Coimbra ou até mesmo em Coimbra? Não nego que pontualmente surjam abusos, alguns destes já ouvi pessoalmente no Conselho de Veteranos, mas nestes casos a acção do Conselho foi pronta e na esmagadora maioria dos casos para proteger o caloiro. Muitos outros casos nada têm a ver com a Universidade de Coimbra mas com outros estabelecimentos de ensino existentes nesta cidade.

Ao longo destes anos também convivi com alunos que se declararam anti-praxe ou nunca quiseram, por opção, usar Capa e Batina. E daí? Nunca deixei de falar com nenhum deles ou de conviver com eles no dia-a-dia. A única ressalva é que quem se recusa a ser "praxado" não deve, por uma razão de coerência, "praxar" e quem não quis ser caloiro também não deve, mais tarde, assumir-se como doutor.

Existem outras formas de integrar os novos alunos? É claro que sim, e a prova disso é que muitos escolhem por opção não se associarem à praxe sem que tal acarrete qualquer consequência. Agora a praxe impede alguém de pensar? De ser diferente? De se expressar? Até de escrever toda espécie de barbaridades e disparates sobre a

mesma por quem nunca se associou a ela? É claro que não e basta ler algumas opiniões publicadas neste mesmo jornal para se provar isso mesmo...

Estará então a praxe em crise? Vejamos como foi a última Latada, teve pouca participação? Pouca animação? Não apareceu ninguém para o cortejo?

Sinceramente não consigo ver a tal crise de participação. Haverá então crise de identidade? Esta questão é mais interessante pois é recorrente a tendência nacional do "antigamente é que era bom" e é um facto que a praxe se tornou algo sazonal devido ao grau de exigência dos cursos e à pressão de uma avaliação contínua cada vez mais exigente e inexistente em outras eras. Será então legítimo comparar a forma de actuar da "geração dos morangos" com as gerações das décadas de 40 e 50 ou até mesmo com o século passado? São formas de viver a academia completamente diferentes porque a própria academia é diferente e é obvio que a praxe tem de evoluir, renovar-se e adaptar-se.

Isto conduz ao novo Código da Praxe e o suposto e iminente "final apocalíptico da praxe" com a implementação de Bolonha, como se o Dux andasse a olhar para as estrelas à espera que, numa noite de luar, Apolo ou até mesmo Baco, lhe entreguem o novo código da Praxe.

Diverte-me ler os comentários daqueles que pensam que o Conselho de Veteranos apenas vai encolher o código da praxe para caber em três anos. A verdade é que ao contrario das revisões de 1993 e 2001, que foram evoluções do código de 1957, o novo código será mais como que uma revolução, que incluirá os dois ciclos, e a julgar pelas primeiras impressões, haverá muitas surpresas e até a possível mexida em alguns graus de praxe. Tudo está em aberto e qualquer aluno pode apresentar propostas que serão analisadas e votadas no Conselho de Veteranos. No entanto este assunto já está ser tratado há muito tempo pelo que, lamentando desiludir os "profetas do apocalipse", o novo código da praxe estará pronto bem a tempo do início do ano lectivo 2007/2008, para que não haja qualquer tipo de vazio ou de indefinição.

Não há crise nenhuma, nem vai acabar, espero sim que a praxe continue "ad eternum".

*Aluno da Licenciatura em Química da FCTUC

Bar parado por falta de licenças

DG/AAC acusada de intervenção abusiva nas obras dos jardins. Estrutura provisória de metal é o ponto de discórdia

Marta Costa
Raquel Mesquita

As obras de remodelação do bar dos jardins da Associação Académica de Coimbra (AAC) estão embargadas devido a uma queixa do Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC). A Câmara Municipal de Coimbra (CMC) decidiu interromper o andamento das obras, por não existirem licenças de construção.

O administrador da Direcção-Geral (DG) da AAC, Luís Viegas, explica que "por ser uma simples remodelação, falámos apenas com Universidade de Coimbra (UC)". O projecto foi entregue na câmara apenas após as queixas do GEFAC, no passado mês de Dezembro.

O vereador das Obras Públicas da CMC, João Rebelo, afirma que "no momento que foi feito o embargo, não havia na autarquia projecto algum". O vereador acaba por acrescentar que "os processos de licença são sempre necessários, e como o espaço é uma zona qualificada, carece ainda do parecer do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR)".

Já a Reitoria da UC, proprietária do espaço da AAC, que foi cedido aos estudantes por tempo indeterminado, afasta



GEFAC insurgiu-se contra a obra e fez queixa à Câmara Municipal de Coimbra

responsabilidades relativamente a todos os acontecimentos. O assessor do Gabinete de Media e Comunicação da reitoria, Pedro Santos, afirma que "a análise de toda a situação cabe apenas à DG/AAC, encarregue pelo espaço".

"A obra é temporária"

"É uma total falta de respeito fazer-se uma construção tapando completamente duas das nossas janelas", afirma Adérito Araújo, do GEFAC. Para além disso, o organismo autónomo da AAC conside-

ra que "o jardim não precisa de ser dinamizado com um bar, pois vai trazer mais insegurança para a associação. Luís Viegas considera que o espaço pode reanimar o local. Um dos objectivos das obras nos jardins da AAC "é ter as secções sempre presentes, para que possam mostrar o seu trabalho e ainda atrair diferentes pessoas para além dos estudantes", afirma o administrador.

"A obra no bar dos jardins é temporária", declara ainda Luís Viegas, explicando a existência de um projecto do arqui-

tecto Gonçalo Byrne para remodelar o edifício sede. "Não podíamos continuar à espera da intervenção no espaço, e a dinamização dos jardins foi uma das soluções encontradas para valorizar a nossa casa", acrescenta.

No entanto, o GEFAC defende que, com as obras do novo bar, o projecto do arquitecto não está a ser seguido. "O programa de requalificação não implica o investimento na obra de um bar nos jardins", diz Adérito Araújo. Com o novo bar, o membro do GEFAC considera que "o trabalho normal das secções e dos organismos vai ser afectado".

GEFAC pondera nova queixa na reitoria

O financiamento do bar dos jardins da AAC, bem como as obras a ele inerentes, estão, segundo Luís Viegas, a cargo do InTocha, a mesma entidade que, neste momento, está a explorar o bar interior do edifício.

De acordo com o administrador da DG/AAC, "através da construção de um bar nos jardins, o projecto arquitectónico no edifício, acaba por ser dignificado", não entendendo por isso a posição do organismo autónomo.

Ainda assim, o GEFAC está a ponderar elaborar um novo documento que reúna assinaturas nas secções e organismos autónomos que também não concordam com as obras, para enviar como forma de descontentamento à Reitoria da Universidade de Coimbra. Adérito Araújo defende que, desta forma, é possível ter "uma posição mais vinculada face a este projecto".

Reitor reeleito sem adversários

A CABRA foi ouvir algumas das pessoas mais próximas e que mais contactam com Seabra Santos

Helder Almeida
Raquel Mesquita

Fernando Seabra Santos foi ontem reconduzido no cargo de reitor da Universidade de Coimbra por mais quatro anos. Engenheiro Civil de formação, o professor não teve qualquer adversário nas eleições.

Homem exigente, trabalhador e determinado, é assim que quem com ele se relaciona o vê. João Gouveia Monteiro, pró-reitor da Universidade de Coimbra

(UC) e amigo de longa data, diz que o reitor é muito persistente, determinado, justo e verdadeiro. Gouveia Monteiro vê em Seabra "um operário, que traça grandes planos e é capaz de os concretizar". O vice-reitor reconhece-lhe ainda "uma visão estratégica para a UC".

Cristina Robalo Cordeiro é uma das pessoas da reitoria mais próximas de Seabra Santos. Para a vice-reitora, um dos maiores defeitos do professor catedrático é "trabalhar de mais" e ser "muito obstinado" no que faz. Não deixa de ser, porém, segundo a vice-reitora, uma pessoa "muito inteligente, de grande curiosidade, privacidade de espírito e sentido crítico". Resumindo: "uma figura de uma grande complexidade e riqueza".

José Antunes Simões do Carmo teve como orientador de mestrado e doutora-

mento Seabra Santos. O antigo aluno caracteriza Seabra Santos como "alguém muito amigo do seu amigo". No entanto, José do Carmo conta que o reitor "tem um critério de avaliação muito exigente e tem alguma dificuldade em confiar nos outros" o que "cria algumas dificuldades no relacionamento".

Os presidentes da Associação Académica de Coimbra também são das personalidades que mais contactam com o reitor. Para Miguel Duarte, ex-presidente da Direcção-Geral da AAC, Seabra Santos "não tem uma visão estratégica" da instituição que dirige. Miguel Duarte acrescenta mesmo que o reitor "se marcou muito pela ortodoxia da vida universitária", acabando por prejudicar tanto a "visibilidade" como o "prestígio" da UC. Já o actual presidente da DG/AAC, Fer-

nando Gonçalves, apesar de reconhecer a Seabra Santos competência e organização a nível técnico, aponta que o reitor é uma pessoa que falha "ao não saber gerir as diferentes sensibilidades dentro da instituição". Para o dirigente, Seabra Santos também falhou ao "não conseguir dar uma dimensão nacional e internacional à UC".

Fernando Seabra Santos nasceu em Coimbra, em 1955. É casado e pai de duas filhas. Em 1977, licenciou-se em Engenharia Civil pela UC. Lecionou no Departamento de Física da Faculdade de Ciências da UC e foi vice-reitor durante o mandato de Fernando Rebelo (1998-2002). Seabra Santos foi ainda um dos fundadores da Brigada Victor Jara, um grupo conimbricense de música tradicional portuguesa.

Mariano Gago garante manutenção de bolsas

Estudantes temem que a implementação de um sistema de empréstimos bancários aos estudantes venha substituir os actuais apoios

François Fernandes
João Miranda

O Ministro da Ciência, Tecnologia e do Ensino Superior, Mariano Gago, garantiu, em declarações a A CABRA que o actual sistema de acção social escolar vai permanecer igual, apesar da vontade de consolidar um sistema de empréstimos que sejam reembolsáveis.

As intenções de Mariano Gago seguem as orientações do relatório da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) – apresentadas no passado mês de Dezembro – que prevê a criação de um sistema de empréstimos para os alunos pagarem os seus cursos. O Governo português pretende avançar já no próximo ano lectivo com a implementação do novo regime, que não se concretizou no passado ano devido à “experiência limitada” nessa matéria, referiu Mariano Gago ao Diário de Notícias.

Actualmente, as instituições bancárias já disponibilizam empréstimos para os estudantes financiarem as licenciaturas. No entanto, exigem que os alunos tenham um elevado rendimento escolar e aplicam taxas de amortização diferentes. O objectivo do ministro “é que os estudantes possam obter empréstimos em melhores condições, não se restringindo apenas aos estudantes excepcionais”. Neste momento, apenas um por cento dos melhores estudantes conseguem ter financiamento bancário sem garantias.



O sistema de empréstimos reembolsáveis ainda se encontra em estudo

Estudantes temem privatização do ensino

O Presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Fernando Gonçalves, acredita que a “introdução de um regime de empréstimos, vai acabar com o apoio directo, que neste momento são as bolsas”. O dirigente estudantil prevê ainda que “deste modo os estudantes sejam obrigados a pagar os seus estudos por mais tempo, dificultando a estabilização da vida profissional”. Fernando Gonçalves defende, assim, “uma contestação a sério para que o Ensino Superior não seja privatizado”.

Já o administrador dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra (SASUC), Lúzio Vaz, considera que “a bolsa é um direito essencial do estudante”. O responsável

dos SASUC descreve uma eventual substituição das bolsas por empréstimos como sendo “uma situação aberrante”. Ainda assim, Lúzio Vaz entende que, sendo a intenção de Mariano Gago aplicada, “deveria ser o Governo a suportar os juros das taxas de amortização”.

Os responsáveis pelo relatório da OCDE defendem que as instituições de Ensino Superior devem ter uma maior autonomia em relação à acção social. A medida tem como consequência uma diminuição da regulação governamental relativamente aos apoios directos aos estudantes. O relatório recomendou ainda “a nomeação de um grupo de trabalho” que comece a planificar os detalhes de um sistema de empréstimos generalizados a um maior número de alunos do Ensino Superior.

Erasmus celebra 20 anos com novidades

Ana Bela Ferreira

O programa de mobilidade Erasmus, que envolve um por cento da população universitária europeia, comemora o vigésimo aniversário, introduzindo mudanças nas linhas de acção e respectivos financiamentos para o período 2007-2013.

O novo programa vai permitir aos estudantes ir para o exterior mais do que uma vez ao longo do seu percurso académico, desde que não seja mais do que uma vez em cada grau universitário. A iniciativa contempla, pela primeira vez, todo o pessoal do Ensino Superior, docente e não docente. As verbas para o programa de mobilidade vão também ser reforçadas, num total de 784 milhões de euros.

Em Coimbra, a responsável pelo gabinete de Relações Internacionais, Imagem e Comunicação, Filomena Marques de Carvalho, prevê que “as comemorações chamem a atenção dos estudantes para casos de sucesso profissional devido à participação no programa Erasmus”, embora ainda não existam iniciativas definidas.

“A mobilidade de estudantes sempre foi uma das prioridades estabelecidas pela Universidade de Coimbra (UC)” acrescenta Filomena Marques de Carvalho. O objectivo é “contribuir para uma formação mais alargada dos estudantes”, para além de, fomentar o “respeito pelos outros, pela diferença, a valorização do próprio país e da instituição de ensino”.

Da UC saíram para países europeus 521 estudantes, durante o ano lectivo transacto, dos quais mais de 400 ao abrigo do programa Erasmus. O que a responsável pelas Relações Internacionais classifica de “números expressivos relativamente à população total de alunos”.

Apesar dos resultados, Filomena Carvalho lamenta que “nem todas as oportunidades sejam aproveitadas”, uma vez que ficam sempre vagas por preencher. O receio por parte dos estudantes, as dificuldades levantadas pela própria mobilidade, a situação geográfica de Portugal e o constrangimento financeiro podem explicar esta situação, segundo a responsável.

O programa pretende dar “um maior enfoque à aprendizagem ao longo da vida”, reforçando a ideia de que “a educação e a formação não se confinam a uma determinada faixa etária”, explica Filomena Carvalho.

FCTUC cria novo curso

Formação é repartida também com a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e a Faculdade de Economia

Raquel Mesquita

O curso de Engenharia e Gestão Industrial (EGI) da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC), avança já no próximo ano lectivo, com dois ciclos adaptados ao formato de Bolonha, licenciatura e mestrado.

Com um número total de 30 vagas e exi-

gindo provas de acesso a Matemática, Matemática e Economia ou Matemática e Físico-Químicas, o curso foi lançado com o objectivo de colmatar uma falha na oferta formativa da FCTUC.

O coordenador do novo curso, José Norberto Pires, refere que as principais áreas de actividade dos futuros licenciados vão envolver a gestão, planeamento e controlo de produção, a gestão e controlo de qualidade, o design de produto, os sistemas de produção, automação e robótica, a análise económica e financeira, a investigação operacional e o marketing.

Norberto Pires explica ainda que é um curso “vacionado para formar engenhei-

ros capazes de planear e gerir sistemas complexos, caracterizados por uma forte interacção entre as variáveis financeiras, humanas, organizacionais e tecnológicas”. De acordo com o professor, “estas são as áreas de forte empregabilidade e que justificam um investimento selectivo na formação de profissionais capazes de promover as transformações necessárias no País”.

Para além da FCTUC, em que estão envolvidos os Departamentos de Engenharia Mecânica, Electrotécnica e de Computadores e Informática, o curso em EGI recorre ainda a formação com a participação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, e ainda a Faculdade de Economia.

Lei das Finanças Locais agita autarquia

**Forças políticas divergentes
em relação ao decreto-lei.**

**Carlos Encarnação fala em
impacto negativo,
Victor Batista apela ao rigor
dos dirigentes da autarquia**

André Amador
João Campos

A nova Lei das Finanças Locais vai trazer para Coimbra uma redução da receita anual. Segundo o presidente da Câmara Municipal de Coimbra (CMC), Carlos Encarnação, vai haver "um impacto negativo, avaliado directamente em cinco milhões de euros de receita por ano". O vereador da CDU, Jorge Gouveia Monteiro, partilha da mesma opinião, referindo que a quebra "se situa nos 32 por cento".

Para contrariar esta tendência, Carlos Encarnação defende que a autarquia "vai ter de contrair despesa e reequilibrar e arranjar capacidades de investimento". O autarca lembra que "Coimbra é um município prestador de serviços e tem de o continuar a ser", dando como exemplo os bombeiros municipais, o saneamento básico e os transportes públicos.

O vereador do PS no executivo camarário, Victor Batista, mostra-se favorável à nova Lei das Finanças Locais, e entende que a redução das transferências do orçamento "é saudável, porque se dirige aos municípios do interior e beneficia os municípios mais pobres em relação aos mais ricos". O vereador afirma que "os municípios urbanos têm aumentado as suas receitas através do Imposto Municipal sobre

Imóveis, e por isso é saudável que os mais pobres, que têm menos receitas, recebam mais". Para Victor Batista, a Lei das Finanças Locais "é mais justa, mais equilibrada, e vai ajudar ao desenvolvimento do País".

O presidente da CMC discorda desta visão, afirmando que o facto de a lei dar mais aos municípios mais pequenos e tirar aos mais fortes é "teórico", uma vez que "há mais fortes que são protegidos de uma forma absolutamente indecente". Para Carlos Encarnação, é uma lei que "esconde o facto de Lisboa e Porto terem transportes públicos financiados pelo Estado, o que Coimbra não tem". Outro exemplo apresentado pelo presidente da autarquia prende-se com a água. "Imaginem a alegria do concelho se a Águas de Coimbra tivesse o regime da Empresa Pública de Águas de Lisboa, que pode recorrer a empréstimos com o aval do Estado", refere.

Gouveia Monteiro aponta também para a "iniquidade da Administração Central". Segundo o vereador, "Coimbra tem a única empresa de transportes públicos do País com aumento de procura e qualquer Governo apoiaria estes serviços como se faz em Lisboa e no Porto". Para Gouveia Monteiro, "se o Governo financiasse os Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra como financia outras empresas de transportes públicos de Lisboa, teríamos dinheiro para muita coisa".

Victor Batista entende que as críticas dos autarcas se justificam "porque alguns autarcas só vêem dinheiro, e não fazem mais nada que não seja através do dinheiro". Como solução, o vereador aponta que deve haver "mais rigor e maior solidariedade interna do País".

Percorso da lei

A nova Lei das Finanças Locais foi aprovada na Assembleia da República a 16 de Novembro, com os votos a favor do PS, a abstenção do CDS e votos contra de PSD, PCP, Os Verdes e Bloco de Esquerda. Na base das críticas da oposição estava a ameaça à descentralização e à autonomia dos municípios.

A 14 de Dezembro, o Presidente da República (PR), Cavaco Silva, enviou a lei para o Tribunal Constitucional (TC), por ter dúvidas quanto à constitucionalidade de dois pontos, nos quais se prevê que os municípios possam variar, em cinco por cento, a taxa do IRS.

A decisão do TC surgiu quinze dias depois, com o parecer favorável à lei. 10 dos 13 juizes do tribunal consideraram que o facto de os municípios poderem passar a decidir até cinco por cento do IRS, previsto no diploma, não colide com os princípios de igualdade e universalidade do imposto.

Apesar da discordância da oposição e da Associação Nacional dos Municípios Portugueses, o PR promulgou a nova Lei das Finanças Locais a 6 de Janeiro, faltando agora a publicação em Diário da República.



Câmara Municipal prepara-se para a nova Lei das Finanças Locais

Ameaças aos projectos

A representante do Bloco de Esquerda na Assembleia Municipal, Catarina Martins, salienta que a Lei das Finanças Locais vai levar "a um maior centralismo, porque a partir do momento em que o Governo corta nos limites de endividamento, corta na capacidade de investimento das câmaras". Para a deputada municipal, "os grandes projectos passam a ser financiados apenas pelo Plano de Investimento, Desenvolvimento e Despesas da Administração Central, e este tem a ver com conveniências partidárias".

Jorge Gouveia Monteiro concorda que há projectos que podem ficar ameaçados, como o equipamento desportivo e cultural no planalto do Ingote, e critica o sistema de crédito para os municípios, que "é em si mesmo uma estupidez". Para o vereador

da Habitação, "se o Orçamento de Estado decide até onde pode haver o recurso dos municípios ao crédito, há uma impossibilidade destes recorrerem regularmente".

IRS gera controvérsia

A polémica da variação da taxa de IRS pelos municípios é vista com apreensão pela maioria dos elementos municipais. Carlos Encarnação entende que "é estranho que seja dado às autarquias a capacidade de modular um imposto nacional", enquanto Gouveia Monteiro defende que "se os mais pobres são taxados com um valor mais baixo que os mais ricos, não pode haver vários IRS's pelos diferentes concelhos". Victor Batista admite dúvidas nesta questão, uma vez que o IRS é um imposto geral, "mas esta variação não é uma redução de taxa, é feita por dedução à colecta".

Portugal de olho na Índia

Na visita do Presidente da República ao Oriente, empresários e políticos portugueses analisam investimentos na potência emergente

Soraia Manuel Ramos, na Índia

Restabelecer as relações com o "elefante nascente" é o principal objectivo da deslocação de Cavaco Silva à Índia, sendo esta a primeira visita de Estado portuguesa àquele país em 15 anos. Ao longo de sete dias, procuram-se parcerias e celebram-se acordos, que prometem beneficiar os dois estados.

Aos jornalistas que acompanham a visita, o Presidente da República (PR) deixou clara a linha orientadora que o levou à Índia: "é melhor fazer negócios com uma democracia, porque assegura maior transparência". Destacando as áreas mais promissoras, Cavaco Silva referiu que "a Índia é hoje líder em tecnologias de informação, de biotecnologia, investigação farmacêutica e no sector das comunicações".

Apesar de as ruas indianas serem o retrato de uma extrema pobreza, de sujeira e ausência de recursos considerados "básicos" no Ocidente, a Índia é vista por muitos como a próxima superpotência económica e tecnológica. O país que, pelas acentuadas desigualdades, parece albergar dois mundos distintos e um desenvolvimento a diferentes velocidades, é, paradoxalmente a quarta economia do mundo. Em 2007 poderá atingir a maior taxa de crescimento económico mundial (ultrapassando a China), com a vantagem de possuir uma classe média de 300 milhões de pessoas com poder de compra.

Sudarshan Kumar, encarregado de negócios da Embaixada da Índia em Portugal, reconhece que "existem muitas diferenças entre os 28 Estados: em alguns o analfabetismo é quase de 100 por cento, noutros é inferior a 50 por cento", e adianta que "a Índia precisa de investimento estrangeiro".

Descrevendo o primeiro-ministro indiano, Manmoha Singh, como "o pai das bem sucedidas reformas económicas e da liberalização", o PR declarou ao diário "The Times of Índia" que "esta visita pretende construir uma relação comercial e económica sustentável para o futuro" (já que, na actualidade, as relações comerciais de Portugal com a Índia representam apenas 25 milhões de euros das exportações portuguesas por ano).



Para além da habitual comitiva, Cavaco Silva foi acompanhado por 67 empresários portugueses

Cavaco Silva lamentou ainda que, desde a visita de Mário Soares àquele país, em 1992, tenha havido apenas uma reunião da comissão bilateral.

O Presidente desloca-se à Índia, não só com a habitual comitiva e seguranças, mas também com 67 empresários das maiores empresas portuguesas, em sectores tão diversos como a informática, a construção civil ou a banca. A pasta dos Negócios Estrangeiros faz-se representar pelo secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, João Gomes Cravinho, a da Economia pelo ministro Manuel Pinho e a da Cultura pela ministra Isabel Pires de Lima.

Em viagem pela terra das especiarias

Em Nova Deli, na quarta-feira dia 10, Cavaco Silva foi recebido no aeroporto pelo secretário de Estado para os Assuntos Exteriores, Anant Sharma, e só no dia seguinte pelo presidente indiano, Adbul Kalam, o primeiro-ministro Manmohan Singh, e o líder da oposição, Lokh Sabha, que o acompanharam numa homenagem a Mahatma Ghandi, um dos mais consagrados responsáveis pela independência da Índia. No dia seguinte, o primeiro dia da visita oficial, foi assinado um tratado de extradição entre os dois países, num culminar de negociações "complexas" que se prolongavam desde o caso da detenção do alegado terrorista Abu Salem, em Lisboa, em 2002. O PR assistiu também à assinatura de vários acordos bilaterais, entre os quais se destacou o da Fundação Champalimaud,

com o L.V. Prasad Eye Institute, que prevê a criação do quarto maior centro de investigação oftalmológica do mundo, num investimento superior a 1,8 milhões de euros.

Nos vários discursos, Cavaco Silva explicou que o "Portugal do Século XXI" é "um país empreendedor, confiante em si próprio", e referiu as vantagens de se investir no país, convidando, ainda, o seu homólogo indiano a visitar Portugal.

Confrontado com as semelhanças histórico-culturais de Goa com Portugal, Cavaco afirmou que "a história faz-se todos os dias. Importa que saibamos fazer do legado histórico um activo comum, instrumental para a relação de futuro". No território que foi português até 1961, o Presidente inaugurou uma exposição sobre a presença portuguesa na Índia, assistiu a uma missa em português e recebeu o primeiro doutoramento "honoris causa" (em literatura) pela Universidade de Goa, apesar da manifestação de 30 alunos indianos contra aquele reconhecimento a um cidadão estrangeiro.

De Goa, Cavaco Silva partiu, ontem, para Mumbai, onde teve uma audiência com o Chief Minister de Maharashtra e termina a visita de Estado com uma passagem por Bangalore, para visitar algumas empresas, hoje e amanhã.

Em Novembro, durante a presidência portuguesa da União Europeia (UE), está prevista uma cimeira UE-Índia, em Nova Deli. A delegação europeia será chefiada pelo primeiro-ministro português, José Sócrates, que seguirá numa visita bilateral.

Alterações na Justiça

Daniel Boto
Marisa Soares

Está em fase de revisão final o anteprojecto do novo Regulamento das Custas Processuais (RCP), que a equipa do ministro da Justiça, Alberto Costa, tem vindo a elaborar nos últimos meses. O documento, que obriga a parte perdedora de uma acção em tribunal a pagar o advogado do vencedor, deverá ser apresentado ainda antes do final do mês.

Inserido no programa geral da reforma da Justiça, o RCP pretende reduzir a carga de processos nos tribunais portugueses, numa tentativa de desincentivar o recurso às instâncias judiciais.

De acordo com a assessora do gabinete de Alberto Costa, Susana Dutra, "as principais vantagens do RCP residem numa maior simplificação do sistema de processamento e pagamento das custas judiciais". Em declarações por escrito, Susana Dutra explica que "passa a existir uma única taxa de justiça, paga no início do processo, sendo também simplificado o sistema informático das custas". O novo RCP procura também "facilitar o recurso a uma justiça de qualidade para aqueles que têm menores recursos económicos", esclarece a assessora.

Apesar de apresentadas pelo Ministério da Justiça como medidas de simplificação, as alterações têm suscitado algumas reservas, já que o juiz poderá fixar um limite para o pagamento da parte perdedora, em função da complexidade dos casos. O ex-bastonário da Ordem dos Advogados (OA), José Miguel Júdice, classifica as alterações ao regulamento como "uma solução que desconhece a realidade socio-económica da sociedade portuguesa". Para o advogado, "desencorajar os cidadãos e as empresas a exercer os seus direitos é um erro estratégico, ideológico e mesmo sociológico", além de "poder alimentar mecanismos de justiça privada, inadequados a um Estado de Direito", remata.

O novo regulamento prevê isenções de pagamento em determinados casos, podendo "permitir uma enorme discricionariedade na aplicação de sanções por parte do magistrado, no processo", defende Júdice. O ex-bastonário considera que "subir as custas judiciais é um erro histórico" e lamenta o silêncio da OA nesta matéria. "O poder político sente que a liderança da Ordem está fraca, e não ouve a sua voz", conclui o advogado.

A CABRA contactou a OA, que se escusou a prestar quaisquer esclarecimentos sobre o assunto.

Eslovenos adaptam-se à Moeda Única

Desde 1 de Janeiro que a Eslovénia é o mais recente membro da Zona Euro.

Três anos após a entrada na União Europeia, o primeiro país a sair da Ex-Jugoslávia torna-se também no primeiro estado balcânico a partilhar o euro como moeda nacional

Por Nuno Braga, em Ljubljana

O desejo de integração e o sentimento europeu nunca estiveram em causa na Eslovénia. A prova disso está na rapidez com que o país reuniu as condições necessárias para a chegada do Euro. Tanto o governo como a população estão a encarar a circulação da nova moeda com alguma naturalidade e consideram mesmo que está a ser um sucesso. O único senão é a subida de preços.

Apesar de todas as preocupações do estado esloveno e da criação de um grupo de acompanhamento dos preços de forma a evitar a subida desmedida, o problema foi abordado de outra forma pelas empresas que foram aproveitando a subida do preço do petróleo para camuflar a subida dos preços devido ao Euro. Tal foi abordado pelos media quando se reparou que, mesmo com a descida do preço do petróleo, os produtos continuaram a encarecer.

No comércio, clientes e vendedores queixam-se da subida dos preços, "Tudo subiu. Penso que as pessoas notaram bem a diferença, principalmente os clien-



Com a entrada da Eslovénia passam a ser 13 os países da Zona Euro

tes habituais que ficaram aborrecidos" alerta Nina Kupic. A estudante e empregada de balcão refere, contudo, que em termos de adaptação não tem sido muito difícil lidar com a nova moeda, e adianta mesmo que são os mais jovens que a preocupam. "Os mais velhos são os que mais tempo demoram a pagar mas acertam nas moedas, já os mais novos dão dinheiro mesmo sem pensar no que fazem. Já tive situações em que, para pagar 50 cêntimos, me deram cinco euros, se quisesse ficar rica era uma boa

altura" adianta, brincando.

Também aqui as autoridades se preocuparam em relação às notas falsas que poderiam começar a circular, contudo não houve nenhum relato de burla. "Não estou preocupada, nem tenho reparado muito nisso, mas sei de muita gente que põe as notas contra a luz para identificar as marcas de segurança" explica Sandra Basic. Em relação aos benefícios da nova moeda, a professora de 53 anos começa por dizer que, em termos de ligação com outros países e turismo, é um passo se-

guro a dar. Porém contradiz-se quando desabafa que, apesar dos benefícios, o país ainda não está pronto. "Mesmo com todas as medidas para reduzir a inflação, ainda é muito cedo pois o nosso nível de vida não é muito elevado". A docente acrescenta ainda que "os preços, apesar de não subirem agora, devem subir nos próximos meses".

Em relação à entrada na União Europeia, ainda recente e na memória de todos os eslovenos, a opinião parece ser unânime: foi essencial para o desenvolvimento do país. Tanto Nina Kupic como Sandra Basic respondem um "Sim, definitivamente" lembrando o receio de o país estar a dar um passo maior que as pernas. Hoje acreditam que se estivessem de fora a economia não estaria tão forte como agora e as relações com os outros países europeus não seriam tão boas.

Dinheiro a desaparecer

O facto do país ter apenas pouco mais de dois milhões de habitantes está a criar uma situação no mínimo curiosa. É o Banco Europeu que dita a quantidade de moedas cunhadas por cada país e, neste momento, estima-se que as moedas eslovenas quase desapareçam de circulação.

A longa espera pela sua circulação fez com que, desde o início do ano, cerca de 30 por cento do numerário emitido tenha já desaparecido de circulação para as compilações particulares. Coleccionadores de todo o mundo encomendaram, ou fizeram mesmo a viagem ao país para obter a mais recente moeda mundial.

Coimbra no centro da Europa

A "cidade dos estudantes" dispõe agora de um centro de informação sobre a Europa, que actua como intermediário entre os cidadãos e a União Europeia (UE)

Carla Santos

Sedeado e acolhido pela Direcção Regional de Agricultura da Beira Litoral, na Avenida Fernão de Magalhães, o Europe Direct difunde informação sobre legislação, programas e políticas da União Europeia. No local é também prestada assistência na criação de projectos e procura de parcerias, ambos inseridos em programas de fundos comunitários.

Nas instalações físicas do centro é disponibilizado acesso gratuito a páginas de Internet relacionadas com diversos aspectos da comunidade. O contacto telefónico é garantido por uma linha gratuita, solicitada em grande número por estudantes para esclarecerem questões relacionadas com a UE.

Existem 400 centros na Europa, 12 dos quais estão situados em Portugal. A directora do centro de Coimbra, Ângela Pinto Correia, justifica que a existência de várias dependências Europe Direct, a nível regional, permite às instituições europeias melhorar a sua difusão de informação de modo a que estejam adaptadas às necessidades locais e regionais.

A directora acredita que a filosofia do Europe Direct passa por "fazer a aproximação da Europa ao cidadão português,

que vê a UE essencialmente como uma fonte de financiamento".

UE passou por Coimbra em 2006

Ângela Pinto Correia congratula-se pela extensa lista de acções realizadas para a promoção da UE e explica que "o centro Europe Direct surgiu em 2005, mas é em 2006 que sofre o grande arranque de actividades". Jornadas de informação e colóquios sobre várias temáticas, entre as quais o desenvolvimento rural e questões de saúde, tiveram lugar na cidade no decorrer do ano passado.

Em Março, o programa "Primavera da Europa" levou a 12 estabelecimentos de ensino da região de Coimbra o debate sobre a Europa.

O ponto alto da agenda terá sido uma conferência em pareceria com a comissão

de coordenação sobre as instituições europeias, na qual estiveram presentes deputados europeus e técnicos das direcções gerais da Comissão Europeia.

Este ano vão ser projectados protocolos e parcerias com câmaras municipais (Coimbra, Lousã e Montemor-Velho), juntas de freguesia e associações de desenvolvimento, no início de Fevereiro. Para assinalar o ano europeu de "igualdade para todos e para todas", a coordenadora do Europe Direct assegura a realização de um conjunto de colóquios que irão contar com a participação de Edite Estrela.

Quando questionada sobre a divulgação do centro e suas actividades, Ângela Pinto Correia entende que o Europe Direct ainda não tem uma divulgação mediática satisfatória e critica os media, por estes "não serem sensíveis às questões europeias".

Emigrantes a curto prazo

Estudantes que se formaram em Coimbra, mas preferiram começar a vida profissional fora do País

Seja pelas melhores condições de trabalho, pela experiência pessoal ou pelo currículo, são cada vez mais os estudantes que optam por fazer o estágio no estrangeiro

*Por Ana Rita Faria,
Diana do Mar e Rui Simões*

No ano passado, Nélio Rodrigues, 23 anos, esteve nove meses a estagiar em Utrecht, na Holanda, e está de malas prontas para partir para mais uma aventura. Desta vez, o destino é São Francisco, nos Estados Unidos da América. O licenciado em Bioquímica pela Universidade de Coimbra (UC) é um exemplo do crescente número de estudantes que opta por fazer o estágio curricular no estrangeiro, ao abrigo do Programa Sócrates/Erasmus.

"Foi uma experiência fantástica", recorda Nélio, até porque "para a investigação em biociências e ciências exactas é quase imprescindível ter de sair do País". A opinião é partilhada por Ricardo Gariso, que estagiou na universidade da Corunha, Espanha. O licenciado em Química Industrial, de 24 anos, diz que "a experiência foi muito positiva", porque lhe permitiu "fazer coisas que não era possível fazer em Portugal".

Nélio Rodrigues lembra que a experiência é boa a nível profissional, mas também se pode transformar numa mais-valia a nível pessoal. "Há uma série de coisas que só testamos quando estamos num ambiente completamente diferente, a nossa capacidade de adaptação é testada ao máximo", esclarece o licenciado em Bioquímica. A partida para outro país põe em causa velhos hábitos e leva os estagiários a ter de "começar do zero".

"Foi como voltar a ser caloiro", comprova Ricardo Gariso. Depois de seis anos a viver sozinho em Coimbra, o antigo aluno da UC começou "tudo de novo", desta vez em território espanhol e durante três meses.

Mas nem tudo são rosas quando se parte numa aventura além-fronteiras. Marco Craveiro, 24 anos, está em França desde Outubro do ano passado, a estagiar no Instituto de Genética Molecular de Montpellier. O estudante de Bioquímica admite sentir "saudades das pequenas coisas que parecem normais quando se está em casa, mas que, uma



Nélio Rodrigues considera que estagiar no estrangeiro é uma boa rampa de lançamento para o mercado de trabalho

vez no estrangeiro, adquirem um significado completamente diferente". Marco confessa mesmo que "não há nada como a comida da mamã". Marco Craveiro afirma ainda que, apesar da experiência recente lhe dizer que afinal não é assim tão fácil deixar Portugal para trás, trabalhar no estrangeiro continua a ser uma meta.

Se fosse hoje, também Diana Ramos, jornalista do Correio da Manhã, voltaria a estagiar no estrangeiro. Em 2004, a Rádio TV Cultura recebeu a estudante de Jornalismo para um estágio de três meses em terras de Vera Cruz. Devido ao horário reduzido, a jovem de 24 anos trabalhava de manhã na rádio e à tarde na televisão. A oportunidade de trabalhar em dois meios de comunicação diferentes poderia ter dado a Diana uma experiência mais completa. Contudo, acabou por encontrar outras adversidades: o facto de a Rádio TV Cultura ser estatal fez com que o trabalho jornalístico sofresse algumas restrições. Apesar disso, e "das limitações técnicas das rádios brasileiras" (em comparação com as portuguesas), Diana Ramos classifica a experiência como positiva, pois permitiu-lhe "aprender a trabalhar com dificuldades".

A nível pessoal, a estadia no Brasil também foi uma experiência enriquecedora para a jornalista. Diana revela que

ela e as restantes colegas de curso a estagiar no Brasil se sentiram muito "acarinhadas" pelo facto de serem portuguesas. Vários episódios caricatos marcaram a sua passagem pelo outro lado do Atlântico: durante uma revolta numa pequena prisão, um guarda foi sequestrado e Diana e as colegas portuguesas foram enviadas para cobrir o acontecimento. No entanto, a certa altura, a polícia militar, que lá estava para resolver a situação, já estava mais interessada na presença de portuguesas ali do que no guarda sequestrado. "Fomos o centro das atenções", admite a jornalista do Correio da Manhã.

"Uma boa rampa de lançamento"

Praticamente todos os jovens que decidiram estagiar no estrangeiro concordam com a ideia de que a experiência pode "abrir portas" para o futuro profissional. Uma oportunidade destas é "uma mais-valia para o currículo", garante Ricardo Gariso, acrescentando que permite "conhecer outras pessoas, professores e projectos e ampliar horizontes". Nélio Rodrigues partilha da opinião e confessa que, também para ele, a hipótese de estagiar fora do País foi uma boa rampa de lançamento.

"O facto de ter estagiado na Holanda abriu-me portas para ir agora para os Estados Unidos" (ao abrigo do progra-

ma Inov Contacto – ver caixa), lembra o licenciado em Bioquímica, explicando: "estou mais armado para superar barreiras que já superei quando estive em Utrecht".

Excesso de burocracia?

Embora haja diversos tipos de programa de estágios internacionais, Marco, Nélio e Ricardo estagiaram no estrangeiro ao abrigo do Programa Sócrates/Erasmus. No que toca à organização, as opiniões não são unânimes. "Tive um bom acompanhamento do Gabinete de Relações Internacionais (GRI)", garante Nélio Rodrigues.

Também Ricardo Gariso afirma só ter bem a dizer da organização do programa. Ainda assim, o bioquímico lamenta a excessiva burocracia: "passamos o ano inteiro que precede o Erasmus a tratar de papelada".

Marco Craveiro não se mostra tão satisfeito com o GRI, apontando bastantes lacunas no diálogo entre a instituição de partida e a de acolhimento. "Parece-me que o processo se centra basicamente na troca de dossiers e burocracia, enquanto o acesso a informações e dados tão simples como o alojamento, modo de vida ou até programas curriculares na área da instituição de acolhimento é completamente relegado para segundo plano".

Plano B: Programa Leonardo Da Vinci

O Leonardo Da Vinci é outro dos programas que oferece aos estudantes a possibilidade de estagiar no estrangeiro. No entanto, a procura ainda não chega para a oferta

Para além do Sócrates/Erasmus, os estudantes ou recém-licenciados têm à disposição um outro programa de estágios internacionais, o Programa Leonardo Da Vinci. Criado em 1994, é uma iniciativa da União Europeia (UE) que permite realizar um estágio curricular (integrado no curso) ou profissional (após o término do curso) em ambiente empresarial. Podem candidatar-se os estudantes finalistas do Ensino Superior, jovens trabalhadores e recém-licenciados.

O estágio pode ser realizado em todos os países da UE, e também na Islândia, Noruega, Liechtenstein e Turquia. As entidades elegíveis podem ser de natureza pública, privada ou mista, envolvidas em formação profissional ou com interesse neste campo.

Para dar início ao processo de candidatura, pode estabelecer-se um contacto directo junto da entidade, optar-se por contactar alguns docentes, que dêem informações sobre eventuais ofertas de estágio internacional, ou contactar directamente o Gabinete de Relações Internacionais (GRI) da Universidade de Coimbra (UC) para consultar a informação relacionada. Definido o local de estágio, o candidato deve dirigir-se ao gabinete para verificar a disponibilidade da bolsa Leonardo.

A bolsa atribuída no âmbito do pro-



Há mais homens do que mulheres a estagiar fora de Portugal através do Programa Leonardo Da Vinci

grama pode ser complementada com algum apoio por parte da entidade empregadora, para o pagamento das despesas principais ou para o alojamento e/ou alimentação. O Leonardo concede ainda um subsídio para a viagem, um subsídio para aprendizagem linguística e/ou cultural e um seguro que cobre riscos de trabalho.

Homens aderem mais

Maria Filomena Carvalho, a chefe de divisão do GRI da UC, explica que há muita procura por parte dos licenciados, mas pouca oferta. Acrescenta ainda que quando há novidades na oferta, é também difícil divulgá-las aos estudantes.

De entre as áreas de estudo mais requisitadas para estágio, a responsável destaca as Engenharias e Química e, especialmente, Desporto. Relativamente ao número de estágios pelo Leonardo Da Vinci, o ano passado saldou-se em apenas oito candidaturas: sete homens e uma mulher.

Este dado contraria a tendência global dos programas de intercâmbio. No total das mobilidades houve 325 mulheres e 196 homens a aderir, em Coimbra.

Maria Filomena Carvalho incita qualquer licenciado há menos de um ano a participar, uma vez que o primeiro requisito "é ter vontade de ser estudante".

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Tirei o curso de Enfermagem na Bissaya Barreto de Coimbra entre os anos 1996 e 2000. Através do Programa Erasmus, pude espregitar como se trabalha lá fora. Estagiei em Namur, na Bélgica, num hospital universitário equivalente aos Hospitais da Universidade de Coimbra e num serviço equivalente ao INEM. Estava numa cidade de dimensões semelhantes a Coimbra, numa residência universitária e conhecia poucas pessoas. Ouvi graçolas como "Portugal não é Europa, é Norte de África" e fui alvo de olhares superiores de quem parece que paga para ali estares (já na altura Portugal estava na cauda da União Europeia e estava demasiado fresco na memória de muita gente o tempo dos dois milhões por dia).

Quanto à organização, fui deixado à minha sorte. Deram-me o nome da escola e disseram-me que a residência havia de ser lá perto. O subsídio chegou apenas para pagar um mês de alojamento! Uma fatura.

Em 2005, pude fazer novo estágio e estava indeciso entre Londres e Amesterdão. Contactei primeiro um hospital londrino mas foram directos e frios como a meteorologia deles. Em seguida, tentei Amesterdão e deram-me uma resposta que ainda hoje penso nela: "teremos muito gosto em te mostrar a nossa cozinha". Acabei por realizar, a pedido e suportando todos os custos, o estágio na Holanda, que se converteu numa experiência cultural rica. Dificuldades? Tal como na Bélgica, a língua.

Gostaria de ter ficado a trabalhar no estrangeiro. Publiquei o meu currículo na Internet, fui contactado por hospitais de todo o mundo. Acabei por ir ver um hospital sueco e chegaram a apresentar-me o contrato. Não assinei. Não me davam o Serviço de Urgência e disse-lhes que não estava disposto a atravessar a Europa, aprender um idioma e lidar com uma cultura completamente diferente para ir trabalhar num sítio onde... não me importava de trabalhar. É diferente não te importares e gostares. Eles não cederam. Eu também não. A porta ficou aberta caso eu mudasse de ideias. Não mudei.

Com grande pena minha, agora já não será fácil. Quer pela idade, quer pelas responsabilidades que já tenho. Penso voltar a realizar estágios no estrangeiro, desta vez para mais longe. É sempre positivo ver as cozinhas dos outros. Nem que seja para reflectirmos sobre a nossa...

Raul Pimentel, 28 anos, vínculo precário/abusivo num hospital de Lisboa

O que é o Inov Contacto?

O Programa Inov Contacto – Estágios Internacionais de Jovens Quadros é uma iniciativa governamental, inserida no Plano Tecnológico e gerida pelo Icep Portugal. O projecto tem por objectivo dar formação internacional a cerca de 560 jovens licenciados, e tem a segunda edição este ano, depois de uma primeira em 2005.

Além dos estágios, de duração limitada, em empresas ou entidades de envolvente empresarial, o programa inclui ainda acções de formação. A iniciativa contempla estágios em locais que o sítio na Internet do Inov Contacto define como "centros reconhecidos pela sua forte intensidade inovadora". As cidades disponíveis são tão díspares como Xangai (China), Helsínquia (Finlândia), São Paulo (Brasil), Austin e São Francisco (ambas nos Estados Unidos da América).

De acordo com o Governo, o projecto, que permite aos jovens licenciados acumularem experiência e conhecimentos nos domínios mais inovadores ao nível da ciência e tecnologia, tem sido um sucesso e ultrapassou mesmo os objectivos estipulados para a primeira edição.

Estagiar em Macau

O Instituto de Estudos Jornalísticos (IEJ) da UC estabeleceu, pela primeira vez, um protocolo com uma entidade estrangeira. O acordo, assinado em Dezembro do ano passado, estipula quatro estágios no jornal diário de língua portuguesa Tribuna de Macau. O jornal macaense oferece aos estagiários as viagens de ida e volta de avião, paga a habitação e um salário simbólico de cinco mil patacas (cerca de 500 euros). Os estágios têm a duração de seis meses, sendo realizados dois de cada vez.

"Há sempre vantagem em estagiar no estrangeiro", afirma o presidente da Comissão de Estágios da licenciatura de Jornalismo, João Figueira. "Essa experiência permite aos estudantes contactar com outras dinâmicas sociais e culturais e com vivências diferentes", completa o docente.

Segundo João Figueira, Macau tem um caldo cultural muito rico e, para um ocidental, é muito importante contactar com um outro tipo de visão do mundo. "Tratando-se de jovens candidatos a jornalistas, isso é ainda mais importante", remata.

Tecnologia wireless em debate no Pólo II

O Wireless Meeting 2007 oferece quatro conferências, com o objectivo de trocar informação sobre a tecnologia sem fios

Bruno Vicente

"Queremos juntar pessoas de vários pontos do país, para debater a temática wireless", aponta como objectivo Hernâni Costa, um dos organizadores do Wireless Meeting 2007 (WiMe), que decorre no dia 27 no Pólo II da Universidade de Coimbra.

O encontro vai dar a conhecer as novas tecnologias sem fios e os problemas que podem trazer aos cidadãos. "Hoje em dia as tecnologias não podem ser ignoradas. Todas as grandes empresas estão a apostar na tecnologia wireless e existem alguns problemas para os utilizadores. Neste evento vão ser discutidas algumas soluções para esses obstáculos", afirma o coordenador.

A iniciativa está a cargo do Departamento de Informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (DEI/FCTUC). O Wireless Meeting realiza-se no dia 27 e traduz-se em quatro conferências: "O Projecto e-U na Universidade de Coimbra", "Redes de acesso WiMAX", "Inovação wireless feita por uma PME Portuguesa" e "Difusão de informação localizada".



DANIEL PALOS

A organização decide amanhã se o evento contará com workshops

A organização pretende que as conferências sejam diversificadas, com uma vertente educacional e lúdica. Desta forma é possível atingir um público especializado, mas também uma audiência que apenas demonstra curiosidade na matéria.

Orçamento reduzido e Processo de Bolonha limitam iniciativa

Para além das conferências, o WiMe costuma ter workshops, mas em 2007 esse projecto está em risco. "Para já não temos

orçamento para fazer workshops. Estamos à espera de novas inscrições e novos patrocinadores", explica o coordenador.

Hernâni Costa salienta ainda a falta de tempo para organizar o evento, devido ao Processo de Bolonha. "O nosso departamento é o único da FCTUC que já entrou em Bolonha, portanto o WiMe teve de ser preparado até Janeiro. Nas outras edições tínhamos até Maio. Por isso, o nosso objectivo não foi sonhar alto, mas fazer algo concreto e possível de realizar", concluiu.

Agrária distinguida com prémio internacional

O projecto Emas@School, da Escola Superior Agrária de Coimbra (ESAC), foi distinguido com o "Energy Globe Award", um prémio internacional na área do ambiente e desenvolvimento sustentável

François Fernandes

"Um estímulo para fazer mais e melhor": é assim que António Ferreira, coordenador do Emas@School, encara a distinção "Energy Globe Award" que será entregue este ano numa cerimónia a decorrer no Parlamento Europeu, em Bruxelas. Este prémio do governo austríaco, em parceria com a

União Europeia e outras instituições, destina-se a premiar projectos de todo o mundo que se empenham no uso de energias alternativas de modo a promover o desenvolvimento sustentável.

Segundo António Ferreira, o projecto Emas@School é uma "experiência interessante quanto à implementação das novas ferramentas de gestão ambiental a organizações complexas, que tem como objectivo o desenvolvimento sustentável". O investigador refere-se à ESAC como "uma organização complexa que reflecte a sociedade".

Problemas ambientais da ESAC foram atenuados

"O mundo muda e o que hoje pode ser uma solução promissora, amanhã pode revelar-se problemático", explica António Ferreira. Por isso, revela que este projecto é um

processo de melhoria contínua onde se avaliam de forma permanente os impactos das acções implementadas e se procuram novas soluções para os problemas ambientais e de sustentabilidade. Depois do primeiro ciclo, onde as acções previstas no projecto foram avaliadas e implementadas, o investigador afirma que "os problemas ambientais da ESAC foram, se não totalmente resolvidos, pelo menos consideravelmente atenuados". António Ferreira revela ainda que estão em preparação novas propostas de investigação que visam "encontrar novos caminhos rumo ao desenvolvimento sustentável", baseada numa filosofia de "ecologia industrial". O Emas@School foi desenvolvido em parceria com a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro, a Direcção Regional de Agricultura da Beira Litoral e a Câmara Municipal de Coimbra.

Houve Ciência na UC

2006, o ano revisitado

No primeiro número de 2007, A CABRA passa em revista os acontecimentos, distinções e parcerias que agitaram a actividade científica da cidade de Coimbra em 2006.

Março: No Dia da Universidade, Maria Francelina Lopes, investigadora da Faculdade de Medicina da UC, venceu o Prémio Blupharma/UC por um estudo pioneiro das malformações do esófago.

Mai: UC e Iberdrola assinam um acordo de investigação na área da energia.

Setembro: O professor e investigador da Faculdade de Farmácia da UC, Amílcar Falcão foi distinguido com o prémio internacional Eminent Scientist of the Year 2006 por um artigo sobre o cancro dos ovários.

Outubro: Sub-unidade inaugura o Pólo das Ciências da Saúde.

UC e Centro de Neurociências e Biologia Celular assinam acordo com o MIT (Massachusetts Institute of Technology), com vista à criação de uma parceria na investigação.

Novembro: No Dia Nacional da Cultura Científica, Carlos Fiolhais, físico da UC, recebe o Prémio Rómulo de Carvalho, atribuído bienalmente pela Universidade de Évora.

O grupo de investigação na área de Sistemas Confiáveis do Departamento de Engenharia Informática da FCTUC foi eleito pela Agência Japonesa da Ciência e Tecnologia como um dos três melhores do mundo no campo das tecnologias de avaliação de confiabilidade dos computadores.

Dezembro: O "Centopeia" do Departamento de Física da UC ganha mais "patas", passando a ter 528 processadores, e transforma-se no super-computador "Milipeia". É considerado o maior sistema computacional dedicado ao cálculo científico instalado em Portugal.

O Laboratório Chimico, a primeira unidade do Museu da Ciência, abre as suas portas ao público.

O que os cientistas esperam de 2007

Carlos Fiolhais (Físico e docente da UC):

"A nível da física, entre outros exemplos, a energia nuclear e o clima vão estar na agenda deste ano científico. A ajuda que a física pode dar à bio medicina também irá continuar na ordem do dia".

Norberto Pires (investigador do Departamento de Engenharia Mecânica da UC):

"Haverá alguns desenvolvimentos na área da aplicação de tecnologias de inteligência artificial aplicadas à robótica, o que permitirá que os robôs pareçam menos máquina. Além disso, todas as aplicações relacionadas com o espaço vão 'explodir' pois estão previstas várias missões a planetas distantes e explorações à Lua". **Sandra Pereira**

Voleibol

Académica continua sem ganhar

Os “estudantes” cometeram erros graves e acabaram derrotados em casa pelo Vilacondense, por 0-3

João Campos

A Académica recebeu e perdeu no sábado, 13, frente ao Vilacondense por 0-3, em jogo a contar para a 14ª jornada da Divisão A1 do Campeonato Nacional de Voleibol. Os nortenhos impuseram-se com os parciais de 21-25, 13-25 e 14-25 e mantiveram a equipa estudantil no último lugar da classificação.

O técnico academista, Carlos Marques, lançou no seis inicial Manuel Ferreira, Gonçalo Forte, Márcio Sequeira, Martinho da Costa, Nelson Melo e André Conde. Do outro lado, a equipa de Vila do Conde actuou de início com Julião Bastos, Bruno Sousa, Diego Pinheiro, Alecsandro Cardoso, António Bom Pastor e Luís Carlos.

O primeiro “set” foi equilibrado, com destaque para uma boa acção da Académica no bloco e o acerto de Manuel Ferreira no remate. A Briososa chegou a ter quatro pontos de vantagem (10-6), mas uma série de desatenções levaram à recuperação do Vilacondense, com Bruno Sousa, em bom plano na parte final do parcial. A vitória acabou por sorrir aos comandados de Hugo Silva, com um resultado de 21-25.



DANIEL PALOS

Académica soma 14ª derrota consecutiva

Os “estudantes” entraram para o segundo período muito desconcentrados, somando muitos erros, ao nível da recepção e do remate. Nos nortenhos, destacou-se a experiência de Luís Carlos e bons pormenores de Bruno Sousa e Milhazes. Na Académica, nota positiva para Márcio Sequeira, numa equipa que se evidenciou pela negativa nesta fase.

Jogadores como Nuno Zuzarte e Gonçalo Forte estiveram particularmente desinspirados, cometendo alguns erros. O segundo parcial acabou com o resultado em 13-25.

As desatenções e as falhas continuaram no terceiro e último período do encontro, com o Vilacondense a limitar-se a aproveitar as carências da equipa aca-

demista. Erros de comunicação e coordenação da equipa levaram a uma desvantagem inicial de seis pontos (2-8). No final, a Académica ainda recuperou (com destaque para Manuel Ferreira, no remate), mas não foi suficiente para evitar a derrota, por 14-25.

“Não falta motivação”

No final do jogo, o capitão de equipa da Académica, Gonçalo Forte, admitiu que a equipa “falhou na recepção e no passe, e o serviço não foi agressivo”. Para o jogador, a Briososa “entrou bem, com uma boa vantagem, mas depois foi abaixo, sem saber muito bem o que se passou”.

Gonçalo Forte desdramatiza a fase actual, em que a Académica perdeu todos os jogos, uma vez que “a preocupação é o “play-out”, agora é só definir a posição em que nos situamos e o adversário que vamos enfrentar”. O momento de forma de alguns jogadores importantes foi também salientado pelo voleibolista, que disse “as nossas referências não estiveram bem”.

O capitão dos “estudantes” adianta ainda que na fase actual os “estudantes” têm sentido “alguma ansiedade para atingir a primeira vitória” e revela que, apesar de o técnico considerar ter sido o pior jogo da equipa, “o ambiente na equipa é bom e motivação não falta”.

O próximo jogo da Académica na Divisão A1 é no sábado, em Lisboa, frente ao Benfica.

Futebol/SF

Luta pela liderança acaba em violência

A Secção de Futebol da Associação Académica de Coimbra (SF/AAC) venceu por 2-1 o Arganil, no Domingo 14, num jogo violento dentro e fora das quatro linhas

Bruno Gonçalves

A última jornada da primeira volta da primeira Divisão Distrital ficou marcada pela vitória da Académica sobre a Associação Atlética de Arganil (AAA) por 2-1. Cordeiro e Rui Pita foram os marcadores da Académica.

A SF/AAC entrou em campo com 26 pon-

tos, um a mais do que o Arganil. Desde cedo se percebeu que a luta pelo primeiro lugar ia ser dura, e decorreram apenas seis minutos até João Ferreira, dos visitantes, ver o primeiro dos dez amarelos e um vermelho, dados em toda a partida.

Nos 25 minutos iniciais, a Académica esteve perigosa nas bolas paradas, mas foi permeável à velocidade da AAA que, mesmo não estando habituada à velocidade do relvado, aproveitou bem o contra-ataque.

O primeiro golo surgiu aos 26 minutos, na sequência de um canto batido por Pataco. A defesa do Arganil enviou a bola para os pés de Pataco que centrou para Cordeiro, que se limitou a atirar para fora do alcance de Daniel Silva.

Nove minutos depois, surgiu o tranquilizador 2-0. Pataco desmarcou-se rápido na di-

reita e correu para fazer o centro para Rui Pita que, isolado, finalizou de cabeça, numa bela jogada de contra-ataque.

Até ao intervalo Rui Pita ainda teve nos pés mais duas oportunidades para “matar” a partida, mas não resolveu.

Segunda parte indisciplinada

O primeiro amarelo da segunda parte surgiu aos 58 minutos para Octávio, dos visitantes, e marcou o início dos protestos nas bancadas. Até ao final, o árbitro Miguel Aguilar e os assistentes Paulo Carramanho e Gonçalo Almeida foram contestados.

Na sequência de uma falta grosseira sobre Pataco, aos 68 minutos, Ricardo Baptista da AAA, viu o vermelho directo, gerando um final de partida ainda mais violento, com cinco amarelos.

Até ao apito final, para além dos apontamentos de disciplina, apenas destaque para algumas oportunidades dos forasteiros que, mesmo com dez, ainda marcaram. Aos 87 minutos, Octávio reduziu depois de um canto na direita.

Nas cabines, o treinador da SF/AAC, Sérgio Gaminha, afirmou que se tratava de “uma partida importante, mas não decisiva”.

Já o técnico dos visitantes, Paulo Carneiro, limitou-se a dizer que “se a Académica jogasse leal e a arbitragem fosse isenta, o resultado era outro”.

Fora das quatro linhas, destaque para agressões entre os adeptos. O calor dos acontecimentos despoletou uma onda de violência e o corpo da Polícia de Segurança Pública viu-se obrigado a pedir auxílio a uma equipa de intervenção.

Delfim Sardo

“Os artistas são sismógrafos”

O filósofo e teórico de arte reflecte sobre a produção artística nacional, e explica os meandros do processo criativo

Por Martha Mendes (Texto) e Tiago Lino (Fotografia)

Afirma que na arte, como na vida, não é necessário perceber tudo. Assegura que ainda agora começou, apesar de ser um dos nomes mais fortes no panorama da teoria da arte em Portugal. Licenciado em Filosofia pela Universidade de Coimbra, Delfim Sardo, tem 45 anos e já foi director do Centro de Exposições do Centro Cultural de Belém (CCB) e consultor da fundação Calouste Gulbenkian. Só lhe falta “ser artista”.

Qual é o actual estado da arte e da cultura em Portugal?

Hoje vai-se mais ao cinema e ao teatro e compram-se mais livros do que alguma vez na história, nomeadamente em Portugal. Há um crescimento gigantesco dos públicos, sobretudo dos públicos das artes visuais. Mas a crise das instituições da cultura é real: estamos muito longe do objectivo de 1 por cento para o orçamento do ministério da Cultura. Há uma enorme indecisão dos poderes públicos sobre o que se pode fazer com a política cultural.

Contudo, sente-se uma enorme vivacidade do plano criativo, nos artistas mais jovens. O país devia ter mecanismos de divulgação mais próximos das populações e da criação artística e isso consegue-se através de centros de pequena ou média dimensão, como o Centro de Artes Visuais (CAV), que é um exemplo único a nível nacional. Finalmente, começa a haver um coleccionismo privado interessante que tem vocação de se mostrar e divulgar. Mas o Estado não pode encontrar aqui a sua desresponsabilização. O Governo não está a promover acessibilidade no campo da arte contemporânea.

Ainda existem reservas por parte dos portugueses no que diz respeito a determinadas manifestações da arte contemporânea?

Sim. Às vezes é necessário algum apoio para os visitantes construírem a sua relação com o que vêem, mas também não devemos ser paternalistas. Acredito que quando olhamos para um quadro do Rembrandt ou do Velazquez, julgamos que estamos a perceber, mas faltam-nos certas ferramentas. Em arte, como na vida, não é necessário perceber tudo. Mas se houver uma boa educação para a arte, que dê às pessoas ferramentas para sentirem a liberdade de experimentar, isso é um bom auxiliar.

Permanece ainda a ideia de que os artistas são geralmente pessoas especiais, diferentes, talvez um pouco excessivos. O Delfim vive rodeado de artistas, deve conhecer bem a sua natureza...

Os artistas são pessoas especiais e frágeis. São sismógrafos. E é bom que sejam sensíveis e que tenham essa capacidade vibrátil, porque têm de ter poder de observa-



“A arte é um exercício de controlo”

ção, atenção e sensibilidade ao mundo e a si próprios. Às vezes é complicado trabalhar com artistas porque os seus problemas profissionais ocupam toda a sua existência. Mas isto não tem a ver com uma ideia estereotipada do artista como uma pessoa alheada do mundo. Conheço pessoas no campo da arte com uma enorme capacidade de rigor, gestão e controlo do seu trabalho. Porque a arte é um exercício de controlo. Os artistas mais interessantes são normalmente ‘control freaks’.

É possível definir a arte?

É possível, é! Eu é que não sei...

A arte é, afinal, talento ou técnica?

(silêncio) Há o lado daquilo a que normalmente chamamos talento e há o lado do trabalho empenhadíssimo. Há uma técnica de lidar com o talento que os artistas apreendem. O que acontece na arte de hoje é que a técnica não é uma realidade fundamental para os artistas, isto é, um artista para ser pintor não tem que dominar a técnica, tem que dominar a sua técnica. Actualmente, a arte lida mal com a ideia de cânone. Aliás, há 200 anos que a arte lida mal com essa ideia e de forma cada vez mais agressiva e violenta. Em relação ao talento... eu não devia acreditar nisto mas, sim, há pessoas que são muito talentosas mesmo.

A busca do belo é eterna e intemporal?

É intemporal, mas aquilo que se entende como belo não é intemporal, é histórico. O belo vai tendo formulações históricas e ideológicas. Stendhal dizia que o belo é uma promessa de felicidade e Nietzsche acrescentava que pode ser também uma promessa de horror. O meu belo hoje não é necessariamente o belo tal como ele era vivido há 300 ou 400 anos. É um outro belo que provavelmente saiu de si, se estendeu e foi muito mais em direcção a zonas de conflitualidade, que não estavam dentro do belo kantiano do equilíbrio do livre jogo das faculdades. Há arte que procura ou lida com a beleza, mas também há arte que procura declaradamente o horrível, o penoso, o difícil.

É um homem de Letras, que dedicou a vida a escrever e a pensar sobre arte. O que o escritor sente em frente à folha em branco pode ser comparado com o que o pintor sente em frente à tela virgem?

Há uma metáfora muito engraçada, de um historiador norte-americano, num texto muito célebre de 1965. Ele diz que a grande diferença entre o escritor e o artista é que para mostrar a angústia face à página em branco ele agarra na página virgem e coloca-a na parede. E este carácter sintético das artes visuais é fascinante, porque o problema da angústia pode ser apresentado como o problema em si e não como um discurso sobre o problema. Eu, que escrevo, tenho várias angústias em relação à página em branco.

Filósofo, professor universitário, crítico de arte, ensaísta, curador de exposições de arte contemporânea. Qual é o seu papel preferido?

É ser pai.

Numa palavra

Um país? Portugal
 Uma cidade? Lisboa
 Um pintor? Velazquez
 Um escultor? Kurt Schwitters
 Um filme? “A dama de Xangai”, do Orson Welles
 Um músico? John Coltrane
 Um artista português contemporâneo? Fernando Calhau
 Um artista internacional contemporâneo? Bruce Newman
 Cinema ou fotografia? Cinema
 Pintura ou escultura? Não sei responder a essa pergunta
 Design ou arquitectura? Arquitectura
 Arte clássica ou arte contemporânea? Arte futura
 Arte ou filosofia? Arte
 Tacto, olfacto, visão, audição ou paladar? A visão
 8 ou 80? 80

Silêncio em “Tempo de Espera”

A peça retrata o dia de uma família miserável, que não tem mais do que o pão para encher o frigorífico enferrujado

Marisa Soares

Em “Tempo de Espera”, a fome, a pobreza extrema e a apatia social manifestam-se nas emoções e nos gestos, remetendo a voz para o silêncio. Interpretada pela turma do quarto ano do curso de Teatro e Educação, da Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC), a peça, adaptada a partir do texto do brasileiro Aldo Leite, surge no âmbito da disciplina Projecto de Intervenção. O objectivo é lutar contra a exclusão social dos mais desfavorecidos e dos deficientes auditivos, dedicando-lhes um momento artístico a que não têm, habitualmente, acesso.

O espectáculo vai estar em exibição no Museu dos Transportes de 22 a 28 de Janeiro, pelas 21h30 e é feito em parceria com a Assistência Médica Internacional (AMI) e com o curso de Língua Gestual Portuguesa (LGP) da ESEC. “Tempo de Espera” vai levar ao teatro, gratuitamente, as pessoas que recebem cuidados da AMI, e os surdos, escolhidos pela Federação Portuguesa das Associações de Surdos. Ao público em geral estão reservados 50 por cento dos lugares da plateia, em troca de um livro (novo ou usado) ou de um quilo de alimento não perecível.

Clóvis Levi, encenador e professor da disciplina, explica que este não é um simples trabalho académico, uma vez que tem também “uma vertente de intervenção na sociedade”. A tradução para LGP dos momentos em que, através de um altifalante, é emitido o programa de rádio “A Voz da Cidade” (os únicos momentos



Em parceria com a AMI, a peça pretende levar ao teatro as pessoas mais carenciadas

com texto), visa permitir aos surdos a percepção global da mensagem artística. A escolha do tema da pobreza e passividade social pretende “tornar mais atento e concreto o olhar da sociedade sobre estas situações”, afirma o encenador.

Para além de pretender sensibilizar a comunidade universitária, a peça simboliza para os estudantes “uma grande aprendizagem sobre as diferenças sociais e os problemas de apoio das autoridades oficiais”, considera Clóvis Levi. Manuela Rocha, um dos elementos do elenco, afirma mesmo que “o grupo, hoje em dia, vê a pobreza de uma forma diferente”.

Num espectáculo onde as palavras dão lugar à expressão corporal, e os sons quase se resumem ao amassar do pão, à tosse e aos gritos de dor, o espectador é confrontado com a pobreza extrema e a apatia de uma família sem perspectiva de vida. O núcleo familiar é composto por uma

gata esfomeada, a avó louca, a mãe grávida, o pai tuberculoso, o filho e o genro inúteis, e a filha mais velha, também grávida. A filha mais nova destaca-se pela sua vontade de mudar de vida, e pelo fascínio que nutre pelas fotografias das revistas cor-de-rosa, que vai colando religiosamente na porta do frigorífico.

É em condições sub-humanas que a mãe dá à luz uma criança morta, num parto primitivo e doloroso. A situação provoca a fuga da filha mais nova, rumo a uma outra vida. Na família, apesar do desgosto, tudo se mantém.

O retrato social traçado na peça, segundo Paulo Pereira, assistente social da AMI, “corresponde à história de vida de muitas pessoas que pedem ajuda” a esta organização. “Tempo de espera” funciona, assim, como “um alerta e uma forma de fazer perceber a essas pessoas que é possível mudar”, remata o assistente social.

Nas malhas da música

João Pimenta

Passando pelo bairro do Ingote à noite observa-se o vazio nas ruas. Os muros e escadas da zona deixaram de ser o ponto de encontro dos miúdos depois do jantar. O ócio, grande companheiro dos tempos livres, foi substituído pelas pautas e notas musicais. Do Bairro da Rosa, mais propriamente da pequena Oficina de Artes e Ofícios, ouve-se agora a melodia “Noite Feliz”, tocada por cerca de 60 pessoas, na sua maioria residentes daquela área. O objectivo está conseguido. Em pouco mais de dois anos, os residentes do bairro social do Ingote conseguiram pôr a tocar a Filarmónica do Planalto.

O projecto teve início em Dezembro de 2004, graças ao apoio da autarquia e da empresa Coreto dos Sopros, e vai apresentar-se ao público de Coimbra na sexta-feira, dia 19, na Casa Municipal da Cultura. Segundo António Alves, responsável pela Coreto de Sopros, a Filarmónica do Planalto assume-se como “um projecto de reinserção social, com vista a dinamizar uma zona degradada”.

O também maestro da filarmónica realça que o investimento de 150 mil euros em instrumentos, realizado pelo Departamento de Habitação da Câmara Municipal de Coimbra, não foi em vão. “Temos cumprido os objectivos em mais de 300 por cento”, assegura. Daí que, “sempre que o ensaio começa, haja cerca de 20 pessoas a baterem-nos à porta, a dizerem que também querem tocar”, conta António Alves.

Não é o caso de Graça Lopes, 54 anos, que está na filarmónica desde o seu início. A residente do Ingote, que toca bombardino, confessa que “não esperava aprender música a esta altura da vida” e afirma o seu desejo de que o projecto vá para a frente. Graça Lopes é bastante crítica em relação ao modo como é visto o bairro social onde reside. “Este bairro não é tão mau como a imprensa faz passar”, assegura.

Já João Ribas orgulha-se de ser o elemento mais velho do grupo. Com os seus 61 anos, tem ainda fôlego para tocar trombone de vara. “Quando recebi no correio o convite para integrar a filarmónica, agarrei a oportunidade com as duas mãos”, realça.

Apenas há meio ano no grupo está Cláudia Gonçalves, 16 anos. Para a jovem que toca saxofone soprano, o que define a Filarmónica do Planalto é “o espírito de união”. “Se todos quisermos, isto até pode ir muito longe”, sublinha. A primeira conquista foi o palco da Casa da Cultura, esta sexta-feira.

Novos ciclos no TAGV

Música electrónica, cinema documental e literatura têm lugar garantido na agenda do Teatro Académico de Gil Vicente até Junho deste ano

João Pimenta

Três ciclos arrancam com o novo ano no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV). Segundo o director da instituição, Manuel Portela, o objectivo desta “programação mais padronizada” é “tentar construir público à volta de três vertentes culturais –

a cinematográfica, a musical e a literária”.

O professor da Faculdade Letras da Universidade de Coimbra explica que, até Junho, o novo modelo de programação vai tentar “criar uma relação mais próxima com o público”, ao dar “coerência e lógica na relação entre os vários programas apresentados em cada uma das disciplinas artísticas”.

O ciclo “Doc. TAGV” orienta-se especificamente para o cinema documental. Segundo Manuel Portela, a intenção é “promover o conhecimento do documentário, nomeadamente o de origem portuguesa”.

O título genérico de “Senses” apelida outro novo ciclo, dedicado à música elec-

trónica. Este tem, nas palavras do director do TAGV, “a ideia de promover um tipo de programação que não tem existido no teatro e que pertence, por vezes, a um circuito mais restrito”.

Para dar continuidade ao projecto “Escriteiras”, o teatro académico inaugura um terceiro novo ciclo dedicado à literatura, chamado “Máquinas de Escrever”. A intenção é “pôr o escritor na posição de leitor e, portanto, a falar sobre a sua própria prática criativa”, frisa Manuel Portela, anunciando convidados para o primeiro trimestre, Manuel da Silva Ramos, Luísa Costa Gomes e Rui Zink. Este último está presente no TAGV na quinta-feira, dia 18.

ARTES...

Cinefilia

As Bandeiras dos nossos Pais / Clint Eastwood

A História segundo os publicistas

Chegou, finalmente, a primeira parte do díptico de Eastwood dedicado à batalha de Iwo Jima. Nesta, o realizador de "Imperdoável" conta os verdadeiros eventos por detrás da famosa fotografia que mostra seis marines a plantar a bandeira americana em solo japonês, símbolo icónico da vitória dos EUA.

E, como a desmistificação foi sempre uma temática recorrente do cinema de Eastwood, o seu olhar acutilante foi centrar-se não na batalha em si (quem espera um filme de guerra vai ficar desapontado), mas no percurso amargo daqueles homens que em nada são os heróis que o governo quer vender ao povo americano. Esta é ao mesmo tempo a força do filme, e a sua única fraqueza.

Isto porque, nos momentos em que Eastwood passa da batalha à digressão publicitária dos "heróis de Iwo Jima", e vice-versa, o ritmo é quebrado. São demasia-

do raros os momentos em que realizador consegue dar à batalha, uma das mais sangrentas do Pacífico, contornos verdadeiramente dramáticos, raivosos e desmedidos como apenas a guerra consegue ser. Neste aspecto, o seu produtor, Steven Spielberg, ultrapassa-o.

Por outro lado, esse não era o objectivo. O objectivo era mostrar os homens por detrás da lenda. E é preciso reconhecer que, quando se trata de deitar ícones abaixo, para melhor os reconstruir aos olhos do público, Eastwood não tem igual. Esta é talvez a sua obra mais abertamente politizada, arrastando o debate da crise de valores americanos para um plano mais humano, ao mesmo tempo que se constitui como uma crítica à exploração desses mesmos valores por parte do "establishment". Por estas razões, pela fotografia e pelo desempenho dos actores, "Flags of our Fathers" aconselha-se, nem que seja por ser o último Eastwood em data. **Raphaël S. Jerónimo**

Classificação: 4 em 5

The Grudge 2 / Takashi Shimizu

A Maldição dos Remakes

Há anos que esta história se repete: uma obra ganha estatuto de culto e passado algum tempo, lá aparece alguma produtora que pretende capitalizar no seu sucesso, munida com um "remake" mais simples de compreender pelo público devorador de pipocas. Mas há "remakes" e "remakes", e o recente "The Departed" é um bom exemplo de como ser fiel a uma obra original e ainda adicionar algo que justifique a sua existência. Mas Shimizu não é nenhum Scorsese.

Curiosamente, estamos perante um "remake" do quarto Ju-On japonês, que em si já era um "quasi-remake" do segundo. Ou seja, estamos a ver uma história que já foi contada duas vezes em japonês. Esta série "Ju-On", cujo quinto capítulo está prestes a sair, parece encontrar-se completamente estagnada devido à excessiva repetição dos cânones criados no primeiro capítulo.

Pior, todas as boas ideias do original estão agora per-

didadas: a montagem fragmentada já não tem sentido (originalmente era usada para contar pequenas histórias, como se de pequenos mitos urbanos se tratassem), a imagética da fantasma de cabelo comprido dificilmente assustará alguém que já a encontrou dezenas de vezes, e o símbolo máximo da série, o ecoar de uma garganta partida, passou de desconcertante a banal. Como se isso não bastasse, esta versão orientada ao público americano adapta muitos dos clichés do mau cinema de terror americano, tem personagens e interpretações ridículas, e esquece os ambientes surreais e desconcertantes que eram cruciais no "crescendo" do terror psicológico que caracterizava a série, aqui substituído por um conjunto de sustos fáceis.

Por isto e muito mais, se nunca viram um filme desta série, então o melhor é arranjar "Ju-On" no clube de vídeo, e se por outro lado já são fãs da série... façam o mesmo. **Rui Craveirinha**

Classificação: 0 em 5

DV Vê-se

Uma possível realidade

Sete da manhã no aeroporto de Nova Jersey. Faltam poucos minutos para descolar o voo 93 da United Airlines, com destino a São Francisco. A correria habitual, os passageiros fazem o "check-in", os pilotos verificam se está tudo em ordem. Até aqui, tudo normal, não fosse a data: 11 de Setembro de 2001.

É desta forma que "Voo 93" começa. À medida que se aproxima a hora da descolagem, desenrolam-se as coincidências: a de Mark Bingham, que apanha o avião em cima da hora, a da assistente de bordo que está a fazer o turno de outra pessoa quando devia estar de folga, ou a da passageira que apanhou o avião anterior ao que estava previsto.

O enredo valoriza-se por estar muito fiel a vários pontos da realidade. A acompanhar a história, dá-se o embate do primeiro avião no World Trade Centre, posteriormente o segundo avião, e de seguida o do Pentágono, até o voo 93 ser também ele sequestrado, enquanto imagens televisivas mostram as Torres Gémeas em queda.

"Voo 93" dá pistas de como pode ter sido o comportamento dos passageiros a bordo do avião que se despenhou na Pensilvânia, desde os telefonemas para a família, os planos para abortar o sequestro ou os medos de cada um dos tripulantes. O que se passou ao certo, nunca saberemos, mas "Voo 93", sem ser um filme brilhante, dá um retrato interessante sobre o que se terá passado em Setembro de 2001.

A edição em DVD conta com um documentário em que é explicado pelo realizador e pelo produtor a relação do filme com a realidade, a reacção das famílias das vítimas, a pesquisa efectuada, as escolhas do "casting" (o porquê de apostar em actores desconhecidos) e mesmo a controvérsia que o filme gera (o voo 93 terá sido abatido ou não?). Há também comentários a cenas do filme, pelo realizador Peter Markle e pelo argumentista Kevin Schreiner. Um terceiro extra mostra o "trailer" do filme, algo dispensável, visto que não é mais do que a apresentação que já todos vimos nos cinemas ou nos anúncios televisivos. Um documento de qualidade sobre os ataques de 11 de Setembro.

João Campos

"Voo 93"
Peter Markle
A&E, 2006

7/10

PUBLICIDADE

Até Breves '07
III Concurso de Curtas-Metragens da AAC

www.breves.aac.uc.pt
Inscrições até: 16 de Fevereiro

Categorias: Breve Intervenção,
Brevemente Livre,
Gráf & Breves,
Argumentos;

No ouvido...

Nunca alguém tocou o céu desta maneira

Suprema ironia à portuguesa: acaba de sair, em Janeiro de 2007, o melhor álbum nacional de 2006. Portanto, não poupemos nos elogios, que o momento é de festa. E o culpado é só um: João Paulo Simões (sim, JP Simões, o dos Belle Chase Hotel e Quinteto Tati).

O artista, o Grande Português que este rectângulo medíocre não merece, acaba de lançar o seu disco de estreia a solo ("1970") e nele, a espaços, toca o céu. No resto do tempo, é apenas genial.

Vamos por partes. Explique-se a ironia de o melhor disco de 2006 sair em 2007. Fácil: a indústria musical é uma opereta de borda de estrada e os seus proxenetas foram adiando a saída de "1970" até Janeiro de 2007.

Parte 2, explicar a genialidade de "1970". Essa já é mais difícil. João Paulo Simões é um criador nato e o sucessor natural dos não menos geniais cantautores portugueses da década de 70. E a esse talento, bem mais visível nas letras e composições do que na voz, JP alia a veneração inabalável por Chico Buarque, que dá um toque distintivo ao álbum de estreia.

Depois, sem que isso seja um defeito ou trocadilho, "1970" é um disco datado. E é-o porque chama a si todo um rol de influências musicais dessa década. Há o tal toque brasileiro de que toda a gente fala (que é verdade, mas não é o mais importante), há a feliz recriação de "Inquietação" de José Mário Branco, e há gostinho autobiográfico com que JP fala da sua geração.

E tudo isso se desenrola ao longo de onze faixas de qualidade singular. Escutem-se as pérolas tropicalistas "Fábula bêbada" e "Só mais um samba" e as deliciosas histórias de "Vestido vermelho", "Lili e o americano", "Micamo" e "O trovador entrevado", e deixem-se para o fim os momentos de magia. Aí, há a incontornável ternura de "Capitão Simão" e a exacerbadamente pungente e bela "Se por acaso (me vires por aí)".

Para o fim, a melhor música do disco, do ano, da década e, por certo, da nossa imaginação: "1970 (Retrato)". Nunca alguém fez um retrato tão despojado de si e dos seus, nunca alguém disparou tão certo sobre si e sobre os defeitos de toda uma geração, nunca alguém usou um veneno tão doce para derrubar ideias feitas e fazer uma pintura perfeita. Mas isso é natural. Porque poucos tocam o céu como JP Simões.

"1970" chegou ontem às lojas. E até se passou a viver um pouco melhor em Portugal.

Rui Simões

JP Simões
"1970"
NorteSul, 2007

10/10

À cabeceira

A Guerra do Mundo
Niall Ferguson
Civilização Editora, Porto, 2006

10/10

Do poder e da barbárie

"Sabemos agora que não podemos olhar este planeta como uma fortaleza e um lugar onde o homem poderá resistir em segurança; nunca podemos prever o bem ou o mal que pode chegar de súbito até nós".

Estas são palavras de H.G. Wells, em A Guerra dos Mundos, obra que inspira o título deste 'best-seller' do historiador Niall Ferguson. A óbvia diferença será que a grande invasão e consequente destruição não é obra de marcianos, mas dos próprios seres humanos, na senda do pensamento hobbesiano do 'homo homini lupus'. Este historiador faz surgir o século XX como o "mais sangrento da história moderna, bem mais violento, tanto em termos relativos, como absolutos, do que qualquer das eras precedentes", não obstante, paradoxalmente, se ter assistido a uma melhoria da qualidade de vida e - afirma-se no Epílogo - de poder ter sido ainda mais sangrento.

Numa análise exaustiva, que parece ter, por vezes, tanto de rigor como de ideológico, Ferguson desmarca-se, desde o início, das análises tradicionais históricas das I e II Guerras Mundiais, explicações essas que considera necessárias mas insuficientes, concentrando toda a sua exploração histórica em três vecto-

res analíticos: o conflito étnico, a volatilidade económica (e não só da crise, como se usa dizer) e o declínio dos impérios.

Partindo destes pontos, Ferguson dá-nos um novo olhar sobre os factos históricos, desde a causa da I Guerra Mundial ao pós Guerra Fria, possibilitando uma maior inteligibilidade do mundo que habitamos, quer se concorde, ou não, com esta leitura da nossa história recente.

Dos três pontos-de-fuga para onde parece toda a história convergir na origem dos factos que suporta, será de sublinhar, ainda hoje, o conflito étnico como o maior causador de toda a barbárie do século XX - apesar da promessa das Nações Unidas contra o genocídio.

Esta é uma obra que será impossível contornar neste início de século, seja pelo seu valor intrínseco, seja pelo não esquecimento das vítimas em prol da paz universal, para que a história não se repita. Ferguson deixa-nos ainda uma questão final, cuja resposta não será fácil de deslindar e que alimenta a nossa insegurança no mundo: "a forma como os líderes de sociedades aparentemente civilizadas conseguiram libertar os instintos homicidas mais primitivos dos seus concidadãos".

Andreia Ferreira

1000

PALAVRAS

BRUNO GONÇALVES



...FEITAS

Blogues acima dos media

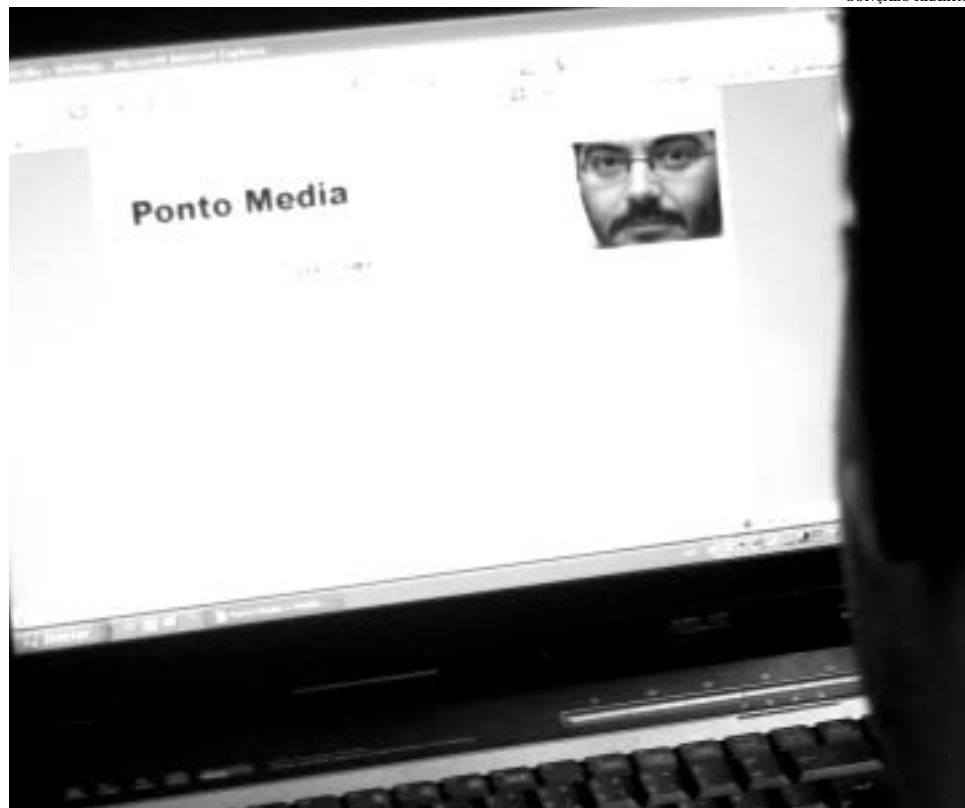
A discussão sobre a comunicação social tem vindo a ganhar uma nova expressão nos blogues pessoais de profissionais da área

Rui Antunes
Sofia Piçarra

Na blogosfera portuguesa, o espaço dedicado à crítica e à reflexão dos media tem vindo a crescer. Da autoria de jornalistas e académicos, o conhecimento privilegiado do mundo da comunicação permite trazer para o debate público novas perspectivas.

João Pedro Pereira, jornalista e autor do blogue "Engrenagem", considera que estes espaços contemplam "um aspecto de vigia de um público que é mais atento e interessado ao que os media fazem". Para Luís Santos, autor do "Atrium", o facto de "se mostrar às pessoas o funcionamento das redacções, os processos editoriais, as pressões a que estão sujeitos os jornalistas e os problemas generalizados da profissão" resulta num público "mais atento à informação, mas também aos processos que levam à sua produção". Para o professor e jornalista, "o debate alargado de assuntos que os jornais não cobrem" acaba por colmatar a lacuna nos órgãos de comunicação instituídos, que se dedicam a temas mais generalistas.

António Granado, que mantém há mais de seis anos o blogue "Ponto Media", considera, no entanto, que os "blogues de média têm ainda uma audiência muito reduzida" e que "funcionam em circuito fechado". O jornalista afirma que "não há uma verda-



António Granado diz que "não há uma verdadeira crítica de media nos blogues"

deira crítica de media nos blogues", porque "não se faz uma reflexão profunda e diária". A sua função é "servir de filtro da informação" e "ajudar a reflectir sobre outro ângulo dos acontecimentos".

Os autores reconhecem também a utilidade destes espaços para divulgação e consulta de material didáctico para professores e alunos das áreas da comunicação e tecnologia. João Pedro Pereira garante que os blogues do género são uma mais-valia, porque "existem muitos académicos a fazer pequenos ensaios e boas reflexões nestes sectores, nos seus blogues pessoais". Gra-

nado, que é também professor universitário, revela: "quando preparo o programa da cadeira vou buscar exemplos aos blogues".

Blogues: ameaça ou complemento do jornalismo?

A participação nestes espaços permite ao autor ter uma voz própria. O jornalista Paulo Vicente, que mantém o "Chão de Papel", acredita que "é um complemento ao trabalho dos jornalistas, que acabam por dar uma visão mais pessoal, não circunscrita a um certo pendor objectivista". No entanto, a liberdade não é total. O chefe de redac-

ção do "Público", António Granado, confessa: mesmo enquanto administrador de um blogue, "sou jornalista, e tenho que respeitar, em todas as circunstâncias, o código deontológico da profissão".

As facilidades do blogue enquanto ferramenta, tanto na óptica do autor como do utilizador, tornou-a no primeiro instrumento massificado de auto-edição. Para Luís Santos, não é, no entanto, o último. "O blogue é apenas um degrau", e é "muito natural que evolua para outras plataformas, que integrem com maior facilidade texto, som e imagem". O professor e jornalista Pedro Fonseca, autor do "ContraFactos e Argumentos" defende também que "os blogues vieram para ficar, mas não com o formato e modelo actuais".

A possibilidade da blogosfera substituir, no futuro, os jornais, é recusada unanimemente. Segundo Granado, "os jornais sempre existirão, como fontes de informação credíveis, com a figura do jornalista que selecciona a multiplicidade de notícias". No entanto, reconhece que "nalguns casos, os blogues causam sérios problemas aos media tradicionais, pela pressão de conseguir que determinado tema seja investigado".

Na opinião de Luís Santos, a blogosfera é "importante para o jornalismo, por ser uma ferramenta de observação permanente do que se faz nos meios de comunicação, que aumenta a proximidade entre quem faz e quem lê". Para além disso, vai provocar "uma revisão da estrutura tradicional da produção jornalística", mas não uma substituição de papéis. Ainda assim, Pedro Fonseca acredita que, para os blogues, "assumirem-se como concorrência da comunicação social é um sonho, mas não uma utopia".

Media Capital na "frente" das audiências

A TVI manteve a liderança das audiências.

A RTP entra na corrida com novas apostas para 2007

Gonçalo Ribeiro
Carla Santos

Em 2006, a Televisão Independente (TVI) manteve a liderança das audiências televisivas. A estação de Queluz teve um "share" que rondou os 30 por cento, e apenas durante os meses de Verão cedeu o primeiro lugar à estação rival, SIC.

Desde 2001 que a TVI mantém o mesmo "share" e ganha telespectadores. A transmissão do "reality show" "Big Brother" foi o marco que assinalou o crescimento da se-

gunda estação privada portuguesa. A partir daí, a TVI conquistou o espaço da SIC.

As produções da NBP foram os programas mais vistos da estação, destacando-se a série "Morangos com Açúcar" e as estreias de várias novelas portuguesas, a aposta para o horário nobre. Também a informação contribuiu para manter a TVI na linha da frente. O Jornal Nacional foi o boletim informativo mais visto pelos portugueses.

A SIC ficou em segundo lugar com 30,4 por cento de audiência média diária, seguida de perto pela RTP1. O sucesso do canal privado dependeu, e muito, da novela "Floribella", que nos últimos meses tem revelado algum desgaste na grelha de programação, devido às excessivas repetições. A excepção em Carnaxide foram os meses em que transmitiu o Mundial de Futebol.

Em 2006, a RTP1 conseguiu um aumento de "share" de cerca de dois por cento. Dezembro foi o mês da informação no canal público, o que lhe garantiu a liderança no género. Em apenas três dias, foram emitidas 2302 peças. Também a área do entretenimento teve direito a destaque na grelha da RTP. Programas como "Dança Comigo" e "Diz que é uma espécie de magazine" foram líderes de audiência no seu tempo de antena.

RTP aposta em séries e produções da casa

A celebrar 50 anos, a RTP quer oferecer aos telespectadores uma grelha reforçada ao nível das séries e do cinema. A mais antiga estação portuguesa revela o desejo de inovar, cativando os telespectadores logo no

início do ano, especialmente nas produções de língua portuguesa. Nos primeiros dias de Janeiro, a estação pública estreou quatro programas, que são algumas apostas fortes da lista de novidades para 2007. Três dos quais revelaram-se líderes de audiência.

A novela "Paixões Proibidas" foi o primeiro programa do ano, uma co-produção luso-brasileira. O mote na ficção nacional na RTP coube à série "Nome de Código: Sintra". A série norte-americana "Prison Break" e "Robin dos Bosques", uma mini-série produzida pela BBC, abriram o espaço das novas aquisições a nível de séries estrangeiras.

O cinema português é uma clara aposta da RTP este ano. "Alice" de Marco Martins, "Odete" de João Pedro Rodrigues e "O Quinto Império" de Manoel de Oliveira, são alguns dos filmes agendados para 2007.

Buçaco, santuário da natureza



No Buçaco encontra-se uma das matas mais conhecidas do país

A Mata do Buçaco, antigo santuário de monges da ordem dos Carmelitas Descalços, vive de uma essência, que permanece até aos dias de hoje. A CABRA seguiu o trilho de caminhos do Buçaco
Por Cláudio Vaz (texto e fotografia)

Inicia-se o passeio. Ainda no Luso, ponto de partida para o interior da mata, a chuva fina parece dançar solta no céu enquanto cai no caminho que leva à entrada do percurso botânico. Ao penetrar na floresta, os chuviscos desaparecem e a luz do dia é trocada por uma claridade que chega tímida por entre os galhos das árvores. À entrada da mata as paisagens mudam e as sensações misturam-se. Do alcatrão à terra bati-

da de raízes que saltam do chão, emaranhadas com folhas e cascas de castanhas em decomposição. Existem pássaros, zumbidos, encontros e desencontros de folhas e galhos que baloçam com os ventos a soprar nas copas das árvores. Uma vegetação envolvente que desemboca numa clareira de plantas baixas e uma encruzilhada de caminhos de terra. Que direcção seguir? Qualquer uma, diz o mapa cedido pelo posto de turismo, localizado junto ao conhecido fontanário do Luso. Toda a floresta é cercada por muros de pedra. A saída só é possível através de simbólicos portais que acusam os limites físicos do santuário.

Uma pequena placa de metal ornamentada com ferro retorcido nas bordas aponta para o Vale dos Fetos. Os pés pensam mais rápido do que a cabeça, e o passeio é retomado. Surge então o Eucalipto da Tasmânia e a secura dos seus troncos, os Fetos Gigantes com os seus galhos que desabrocham como flores. E a Araucária Brasileira, um pinheiro de tronco despido e de copa cheia. Todas trazidas pelos próprios monges desde as mais diferentes partes do globo.

As águas que partem em busca da Ribeira dos Fetos não ameaçam parar e não fazem questão de silêncio. Uma pausa para o lanche e um belo monumento para observar enquanto algumas sandes são mastigadas, as escadas da Fonte Fria. Duas vias de escadas de pedra, lado a lado, divididas ao meio por pequenas quedas de água que acusam outra nascente em parte incerta. Cento e quarenta degraus contados um a um após alguma coragem e algumas sandes de queijo.

Já no topo da escadaria, o percurso se-

gue por caminhos que se cruzam vindos de todos os lados. Numa das direcções avista-se uma bela e imponente torre medieval, com cerca de 30 metros de altura, ornamentada com colunas talhadas em pedra, coroada por uma esfera metálica de três metros de diâmetro.

Mais adiante é possível contemplar a construção de onde se ergue a torre. O Palácio do Buçaco, transformado em Hotel no final do século XIX. O palácio, assim é conhecido o edifício que sustenta a torre, é uma das maiores obras arquitectónicas neomanuelinas do país. O hall de entrada, acessível a visitantes não hospedados, é digno de uma observação demorada. Símbolos maçónicos, religiosos e pagãos estão distribuídos por todas as colunas do grande espaço da entrada do hotel. À volta da escadaria principal que conduz aos quartos de hóspedes, os azulejos contam a história das navegações e de feitos heróicos e bíblicos, d'Os Lusíadas de Camões à barca do Inferno de Gil Vicente. O salão nobre não é só nobre pelo nome: a mobília é toda trabalhada, talhada em madeira importada da Índia. O cuidado com as cores é perceptível aos olhos do bom gosto. A paleta é sóbria desde a tapete às mesas de chá. Do hall de entrada do Hotel Palácio já não se pode ir mais além. Mas está mesmo na hora de partir. A mata espera para o caminho de regresso a Coimbra. O silêncio da floresta activa os cinco sentidos, na simplicidade do meio natural, confirmando-se que os Monges estavam certos por chamarem a mata de santuário. Fosse quais fossem as suas verdades divinas, acertaram no sítio para comungar em paz e harmonia com a natureza.

Informações

Factos históricos

A Ordem dos Monges Carmelitas Descalços estabilizou-se na floresta até ao fim do mosteiro ali erguido, no ano de 1835. No ano de 1643 o Papa Urbano VIII decretou, através de uma Bula Papal, com a pena de excomunhão para qualquer um que denegrisse as árvores da mata. Noutra Bula, o mesmo Papa decretou que para a protecção da virtude dos monges, nenhuma mulher poderia entrar no santuário. Mesmo assim os monges conseguiram sobreviver e disseminaram-se pela mata, introduzindo várias espécies de árvores de todos os continentes. Hoje em dia é estimada a existência de mais de 100 diferentes tipos de árvores, agora também protegidas pelas leis que defendem a Mata Nacional.

Transporte

Comboios partem diariamente de Coimbra A para a estação do Luso e custam 1,55 euros o trajecto (www.cp.pt ou 808 208208 e consulte os horários disponíveis para o fim-de-semana). Para chegar à Mata são apenas 15 minutos de caminhada da estação até o centro da pequena cidade do Luso, ponto de partida para a caminhada. Para recolher mapas e informações sobre a floresta e os seus trilhos e caminho é imperativo uma visita ao "Posto de Turismo" (231 939133), na rua Emídio Navarro. Em frente ao Posto de Turismo fica a "Fonte do Luso" ou "Fonte de São João", um óptimo sítio para uma preparação da caminhada, escolher o itinerário e encher algumas garrafas de água para o percurso. Trajes leves e umas adequadas e confortáveis botas de "trekking" é recomendável. Uma máquina fotográfica com muitos rolos ou suficiente memória para os dias sem nuvens também é um dos acessórios que pode fazer falta.

Alojamento

O passeio à Mata do Buçaco pode ser realizado em apenas um dia, mas para quem preferir desfrutar um pouco mais da natureza, existe uma grande gama de hotéis e pensões que estão disponíveis para todos os gostos e bolsos de passagem: o Parque de Campismo (231 930916), situado a apenas dois quilómetros do centro da cidade do Luso. A Pensão Alegre (231 930 256), situada na rua Emídio Navarro, dispõe de piscina e um jardim para os hóspedes. Pequeno Almoço incluído. Também na rua Emídio Navarro encontra-se a Casa de Hóspedes Familiar (231 939612) ao pé da floresta e com uma boa variedade de quartos. E o Palácio do Buçaco (231 937970), ao cimo da Mata, uma hospedagem luxuosa e aconchegante, ideal para quem pode defender que o conforto não tem preço. Aviso: cautela com um cisne branco que habita os fundos do jardim do Palácio do Buçaco. Este animal tem a curiosa fama de ser esquizofrénico e pouco hospitaleiro com os curiosos desprevenidos.

PUBLICIDADE





JP Simões regressa a Coimbra

Rui Simões

Na sexta-feira, 19, JP Simões volta a Coimbra para apresentar ao vivo o seu álbum de estreia a solo, "1970", na Fnac do Forum Coimbra. O cantor coimbricense regressa à cidade depois de actuado no auditório do Instituto Português da Juventude no dia 22 de Dezembro.

"1970" é o primeiro disco de JP Simões em nome próprio, depois de este ter sido vocalista dos extintos Belle Chase Hotel e do Quinteto Tati (ainda em actividade). Antes, o artista já fora guitarrista dos Pop Dell'Arte.

No álbum de estreia, o músico português revela-se o sucessor dos cantautores nacionais da década de 70, e apresenta uma versão de "Inquietação", de José Mário Branco. Esta música e "Se por acaso (me vires por aí)" – da autoria do também ex-Belle Chase Hotel, Pedro Renato – são as únicas que não foram escritas e musicadas pelo próprio JP Simões. Ao mesmo tempo, em "1970" o cantor de Coimbra apresenta influências brasileiras, na senda do seu ídolo, Chico Buarque.

O concerto de sexta-feira é às 22 horas e tem entrada livre. Já "1970", depois de vários adiamentos, está à venda desde ontem, dia 15.



ARQUIVO - TIAGO LINO

Tim actua hoje no TAGV

O vocalista dos Xutos & Pontapés vem ao Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) mostrar o seu último disco a solo

João Campos

O músico Tim vai actuar esta noite no TAGV, num espectáculo organizado pela Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) em conjunto com a produtora dos Xutos & Pontapés, banda em que Tim é vocalista e baixista.

O administrador da DG/AAC, Luís Viegas explica que "a produtora da banda contactou-nos para a possibilidade de um concerto em Coimbra", justificando que a iniciativa

serve também "para finalizarmos o mandato, uma vez que é a nossa última iniciativa".

Luís Viegas adianta ainda que 10 por cento da receita reverte para uma instituição de solidariedade social, a qual será anunciada pelo músico durante o concerto.

Acompanhado por João Cardoso, Pedro Gonçalves e Samuel Palitos, Tim vai apresentar em Coimbra o seu segundo disco a solo, "Um e o Outro", lançado em Abril do ano passado.

O disco a solo do vocalista dos Xutos & Pontapés conta com 11 temas, de onde se destacam duas versões: "Epitáfio" (dos brasileiros Titãs) e Estrela do Mar (de Jorge Palma). Para além disso, temas como "O gato e a manta de lã", "Pela porta mal fechada" ou "Fado do encontro" (em dueto com a fadista Mariza) fazem também parte de "Um e o Outro".

"Match Point" e "Alice" na FNAC

Sandra Ferreira

A Fnac do Fórum Coimbra exhibe hoje o filme "Match Point", de Woody Allen, no âmbito do ciclo de cinema "Reserva 2006". Amanhã, é a vez de ser apresentado o português "Alice", de Marco Martins.

"Match Point", com Jonathan Rhys Meyers e Scarlett Johansson nos principais papéis, é a história de Chris Wilton, um instrutor de ténis que se envolve com uma família da alta sociedade inglesa. Na sequência desta ligação, Chris não só vê o seu estatuto económico e social aumentar como se envolve com a irmã e a noiva do seu aluno.

O filme de Marco Martins relata a dor de um pai que vê a sua filha desaparecer. Mário (Nuno Lopes) percorre diariamente o mesmo trajecto desde que Alice desapareceu, há 193 dias. A dor causada pela ausência da filha transforma completamente Mário e a procura obstinada por Alice é a forma encontrada pelo pai para não perder a esperança de a encontrar. "Alice" foi aclamado pela crítica e venceu vários prémios em festivais internacionais, incluindo o prémio de jovens, em Cannes.

O ciclo "Reserva 2006" estende-se ainda aos dias 22, 29 e 30 de Janeiro, com as projecções de "Brisa de Mudança", "Uma história de violência" e "A lula e a baleia", respectivamente. As sessões têm sempre início às 21h30.